



ALUIZIO AZEVEDO

PÉGADAS

VICIOS — ÚLTIMO LANCE
O IMPENITENTE — PELO CAMINHO — RESPOSTA
HERANÇAS — A SERPENTE — NO MARANHÃO
FÓRA D'HORAS — INVEJA — DEMONIOS — DAS NOTAS
DE UMA VIUVA — INSEPULTOS
O MADEIREIRO — MUSCULOS E NERVOS

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA CESAR, 71

e

6, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

PÉGADAS

DO MESMO AUCTOR

ROMANCES

O MULATO.	1 vol. in-8º. Nova edição.
CASA DE PENSÃO	1 » » »
O CORUJA.	1 » » »
O HOMEM.	1 » » »
O CORTIÇO	1 » » »
MEMORIAS DE UM CONDEMNADO.	1 » » »
PHILOMENA BORGES.	1 » » »
UMA LAGRIMA DE MULHER .	1 » » »
A MORTALHA DE ALZIRA .	1 » » »
MYSTERIO DA TIJUCA.	1 » in-4º » »
LIVRO DE UMA SOGRA	1 » in-8º » »

NOVELLAS E CONTOS

DEMONIOS .	1 vol. in-8º.
PEGADAS	1 » »

THEATRO

O MULATO	Dram. 3 ac. Rep. no th. <i>Recreio Dramatico.</i>
OS SONHADORES	Com. 3 ac. Rep. no th. <i>Sant'Anna</i> com o titulo <i>Macaquinhos no sótão.</i>
PHILOMENA BORGES .	Com. 1 ac. Rep. no th. <i>Principe Imperial.</i>
CASA DE ORATES.	Com. 3 ac. coll. com Art. Azevedo. Rep. no th. <i>Sant'Anna.</i>
FLÔR DE LIZ	Op. 3 ac. coll. com Art. Azevedo. Rep. no th. <i>Sant'Anna.</i>
FRITZMACK .	Rev. de anno. coll. com Art. Azevedo. Rep. no th. <i>Varietades.</i>
A REPUBLICA.	Rev. de anno. coll. com Art. Azevedo. Rep. no th. <i>Varietades.</i>
VENENOS QUE CURAM.	Com. 4 ac. coll. com E. Rouede. Rep. no th. <i>Lucinda.</i>
O CABOCLLO	Dram. 3 ac. coll. com E. Rouede. Rep. no th. <i>Sant'Anna.</i>
UM CASO DE ADULTERIO.	Dram. 3 ac. coll. com E. Rouede. Rep. no th. <i>Lucinda.</i>
EM FLAGRANTE	Com. 1 ac. coll. com E. Rouede. Rep. no th. <i>Lucinda.</i>



ALUIZIO AZEVEDO

ALUIZIO AZEVEDO

PÉGADAS

VICIÓS — ÚLTIMO LANCE

O IMPENITENTE — PELO CAMINHO — RESPOSTA

HERANÇAS — A SERPENTE — NO MARANHÃO

FORA DE HORAS — INVEJA — DEMONIOS — DAS NOTAS

DE UMA VIUVA — INSEPULTOS

O MADEIREIRO — MÚSCULOS E NERVOS

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA MOREIRA-CESAR, 71

e

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6

PARIS

Ficam reservados todos os direitos de propriedade.

Nem todos os contos de que se compõe esta obra são agora reunidos em volume pela primeira vez; dentre elles alguns, quasi a metade, figuraram já, na sua primitiva fórma, em outro livro que publiquei com o titulo « Demonios » por intermedio da extincta casa edictora Teixeira Irmão, de São Paulo. Faça esta singella declaração para que não chegue o leitor a imaginar que tivemos, o meu illustre editor e eu, a intenção pouco desculpavel de impingir-lhe fazenda velha por nova.

O AUCTOR.

VICIOS

VICIOS

Tarde de inverno. Ouvia-se o relógio palpar soturnamente ao fundo da longa sala e ouvia-se o crepitar das azas de um insecto que se debatia contra as vidraças de uma janella fechada. A casa, na sua adormecida opulencia coberta de pó, tinha um duro e profundo aspecto de tristeza.

Dous homens, paê e filho, um eternamente irresponsavel e criança, apezar das suas rugas e dos seus cabellos falsamente negros, o outro já desilludido e velho, a despeito dos seus miseraveis vinte e poucos annos; ambos cançados, ambos tristes, ambos inuteis e vencidos, quedavam-se, sem animo para mais nada, assentados um defronte do outro, olhando o espaço, como que vegetalisados ambos por um só e mesmo tedio, por um só e mesmo desgosto de existir, por uma só e mesma preguiça de viver.

Sentia-se desconsoladamente que naquellas escuras paredes sobrecobertas de ennegrecidos paineis e desbotadas tapeçarias e naquelle tecto de estuque já sem côr e naquelles dourados moveis despolidos pelo tempo, ha muito não echoavam rir e palrear de crianças ou alegres vozes de familia. Apesar dos dous espectros de homem que lá permaneciam immoveis, a casa toda parecia totalmente deshabitada.

O velho de cabellos tintos levantou-se afinal, bocejando, deu como um somnambulo algumas tropegas voltas pelo aposento, tomou um calice de cognac da frasqueira que havia a um canto sobre um tremó antigo, accendeu um cigaro e encaminhou-se lentamente para o outro, a quem tocou no hombro.

— Então?... disse, parando defronte d'elle.

O rapaz fixou-o com o seu indifferente olhar de enfermo sem cura, e balbuciou supplicante :

— Prepara-me uma injeccão de morphina...
Sim?

— Não!

— Ora!

— Não é possivel, meu filho,...

— Por amor de Deus!

— Não. Só logo mais, quando eu voltar.

O moço contrahiu afflictivamente o rosto, em cópia de toda a sua dolorida contrariedade; e abateu-se mais na cadeira, deixando pender a

cabeça sobre o peito e abandonando os braços ao proprio peso.

— Sentes-te mal hoje? perguntou o pai.

O interrogado sacudiu os hombros indifferente-mente, sem levantar o rosto.

Pobre criança!... pensou aquelle, refranzindo as rugas da sua marmorea e despojada fronte de velho folgazão. Muito caro pagas tu a minha loucura de te haver dado a vida!... Maldicta hora em que consenti, por conveniencias de fortuna, me casassem com tua mãe!...

O enfermo, como se lhe percebêra o pensamento, ergueu os olhos para fixar os do pae; e este accrescentou, agora fallando :

— Que falta te fez ella na infancia!..., tua mãe!

O moço deu de hombros outra vez com a mesma desdenhosa indifferença.

— Minha mãe... tartamudeou depois, pondo-se a olhar um retrato de mulher que havia na sala. Minha mãe... sei cá!... Nem sequer a conheci!

E, insistindo em contemplar o retrato, disse ainda com um suspiro bocejado : — Era bem bonita minha mãe!...

— Bonita e boa! Não serias, talvez, assim inutil e perdido para a vida, se nos teus primeiros annos ella te inoculasse no espirito, com o seu amor, as idéas do Bem, que eu nunca tive!

E proséguiu, depois de sorver de um trago um novo calice de cognac :

— Era uma boa creatura; era, não ha duvida! Honesta, friamente virtuosa, muito discreta e concentrada. Não sei se algum dia me amou, casou-se por obediencia aos paes, foi sempre em absoluto indifferente ás minhas caricias como ás irregularidades da minha má conducta de homem casado! Mas, quem sabe, se ella não morresse logo depois do parto, se te não deixasse tão cedo sósinho commigo; quem sabe o que poderias vir a ser?... A nossa riqueza, o meu temperamento leviano e a educação ociosa e galante que me deram, tudo isso, meu pobre filho, conspirou contra ti e fez de teu pae o peor que até hoje existiu no mundo!...

O rapaz sacudiu novamente os hombros, com desprezo, enquanto o outro ia ainda exgotar um calice de cognac á garrafeira do tremó.

— Ah! se ella não tivesse morrido tão cedo!... exclamou o velho estroina, lamentosamente. E accrescentou, como se precisasse descarregar a consciencia n'uma humilhante confissão de todo o seu crime paterno; — Vê tu que desgraça! Fui eu, eu só, o teu exemplo na infancia, o teu guia, o teu mestre — eu! Eu, que jámais comprehendí deveres de especie alguma, nem tive nunca esperanças no futuro, nem ambições de qualquer genero, nem ao menos confiança e fé na familia ou em Deus! Sei que sou homem, porque ás vezes soffro! O companheiro fiel que me seguiu pela existencia, meu filho, não foste tu, nem foi tua

mãe ou algum amigo estremecido, foi a forte paixão pelos meus próprios vícios; e, na ausencia destes, foi só o tédio que enxerguei sempre ao meu lado. Ah! como tenho remorsos de te haver feito viver!... Como fui mau, principalmente com relação a ti!...

— É exacto! suspirou o filho. ..

— Como sou um pai digno da tua inutilidade e da tua degeneração! Como tu, pobre esqueleto gottoso, és bem o filho dos meus ossós!

E, depois de outro calice de cognac, o velho começou a declamar, em umá explosão nervosa, agitando os braços e dando á voz inflexões theatraes :

— Fui na existencia um navio inutil, sem carga, sem destino, sem bandeira e sem munições para nenhum combate! Vaguei, errante e perdido, por todos os mares largos do vicio, sucudido por todas as tempestades e por todos os vendavaes da intemperança e da luxuria! Cheguei á velhice como um caço naufragado, com a mastreação partidã, as enxarcias estaladas e o cavername arrebetado! Eis o que sou!

O filho afastou-o com a mão, enfastiadamente, a torcer o rosto afflicto em um esgar de repugnancia.

— Vae-te embora!... murmurou. Ja estás bebido!...

— E é este despojo, continuou a declamar o pae, sem levar em conta aquellas palavras; e é

este resto de naufragio que ha vinte annos representa para ti, minha querida victima, todo o teu passado e toda a tua familia!... Oh! sem duvida que não serias isso que ahi está prostrado nessa cadeira, a implorar por amor de Deus uma injeção de morphina, se fosses gerado por qualquer outro homem!... Perdôa-me ter sido eu o teu pae, meu filho!

— Mas, váe-te embora! Vae-te embora, por piedade! Para que me has de torturar?!

— Amo-te entretanto, pobre criança! sempre te amei! O meu amor, porém, nunca te serviu de beneficio; fez-te, ao contrario, caminhar até hoje pela minha mão no sombrio e humido caminho da minha loucura, sem me lembrar, desgraçados de nós! que não tinhas tu herdado de mim, como eu herdei de meu pai, a resistencia physica que elle economisára durante a sua vida e que eu prodigamente gastei toda inteira, só commigo, nos meus prazeres egoistas!

— Mas, vae-te embora! São quatro horas. A primeira banca principia no Club ás quatro e meia! Vae-te embora! Vae jogar!

— Queres tu vir commigo..?

— Não.

— Vê se te resolves... Talvez até isso te faça bem...

— Não posso... Sinto-me mal.

— Como tens um pae differente do pae que eu tive!... Aquelle que alli está naquelle quadro,

ao lado de tua avó, ah! esse um homem!...

— Não recomeces por amor de Deus! Vae-te embora!

— Aquelle não conhecia tedios, nem fastios! Não tinha vicios! Trabalhou toda a vida! Triplieou a fortuna que herdou, e que eu desbaratei antes dos trinta annos! Era um justo!

— Já sei de tudo isso! já m'o disseste mil vezes! Vae-te embora! Vae-te embora, se me não queres ver disparatar.

— Se eu tivesse ao menos amado tua mãe... é possível, se assim fosse, que te salvasses!... E como merecia ella ser amada!... a infeliz senhora!... Ah! se a conhecesses, meu filho!... (E a voz do miseravel começou a estalar, ameaçando abrir em soluços.) Era uma santa creatura! Fria, indifferente, mas resignada e casta!... Imagina que eu...

O outro, porém, ergueu-se possesso e começou a agitar-se por toda a sala, bradando desabridamente :

— Mas que mal fiz eu para me torturarem deste modo?!

— Acalma-te! Acalma-te!

— Arre! É muito! É demais!

— Acalma-te, meu filho!

— Acalmar-me, é boa! Já me não posso conter! Era isto que querias?! Pois aqui o tens! Daqui a pouco estou por terra, espumando!

— Não! Não te apoquentes! Saio já! Saio immediatamente!...

— Agora! Agora poueo me importa que saias ou não! O que eu não queria era eahir neste estado! Vê como tremo todo! Olha como tenho já a lingua! Olha para as minhas mãos!

— Vê se soeegas!...

— Que inferno! Que inferno! bramiu o moço. E, depois de puxar pelos eabellós e bater eontra a eabeça os punhos eontrahidos, exelamou, de braços e olhos arraneados para o têeto : — Mas, meu Deus! meu Deus! porque me fizeram viver?! Que espirito eruel me ehamou a esta vida de lama, sem indagar se eu tinha forças para arrastal-a pelo mundo?! Porque me entalaram nesta prisão que me dóe, onde meu pobre espirito offega opprimido e a minha earne geme e os meus ossos estalam?! E para que me deixaram eá dentro do barro podre deste corpo só prestavel para doer, esta maldieta eonseieneia que marca os segundos da minha agonia como um relogio de medio; esta enfermeira eoberta de lueto que ronda a minha insomnia e pesa a minha inealeulavel miseria, gramma a gramma, n'uma balança de hospital?! Porque?! Porque?! Que mal fiz eu ao mundo, meu Deus?! Amaldiçoados sejam os ereadores de existencias e mais os seus agentes e os seus eumpliees! Amaldiçoado sejam tu, velho libertino!

— Meu filho!...

— Vae-te para o diabo! Se ao menos pudesse eu matar-me! Mas o covarde instincto da vida agarrá-me torpemente a esta carcassa epileptica e leva-me de bruços pela existencia, como a lesma rastejando na propria baba!

— Acalma-te, meu filho!

— Mostra-me então o meu logar nesse alegre banquete, do qual nunca te levantaste! Mostra-me o meu talher e o meu copo! Aponta-me a cama da mulher que tenha labios e braços para me amar! Vamos! O que é do meu quinhão? Devoraste-m'o tu, Falstaff! Choras, hein? mas choras repleto e ainda não saciado! Choras, bem vejo! mas tens rido a vida toda com todas as dissolutas que topaste no eaminho! tens palpitado de commoção em todas as baneas de azar! tens te embriagado com todos os vinhos que existem na terra! E continuas a beber, a fumar, a viver noites inteiras no amor e no jogo; e eu?! O que foi que eu gozei até agora?! Deste-me para amã de leite uma das tuas eumplices venereas! desmaste-me a cognae! levaste-me ainda criança a todos os logares em que te eorrompeste! fizeste-me, na idade em que se aprendem as orações fumar e beber para divertir os teus companheiro de libertinagem e fizeste-me macaquear os libertinos para servir de histrião ás tuas prostitutas! És um monstro! Sahe da minha presença ou eu te mato!

— Não! não, meu filho, não quero que fiques

mal commigo!... Não ficarás! Aqui tens morphina!

— Morphina?! Ah! dá m'a! d'á-m'a! Perdôo te tudo! Como és bom! como és bom, meu pae! Muito obrigado!

ULTIMO LANCE

ULTIMO LANCE

Dez luizes!...

Era tudo que lhe restava!... Eram as últimas moedas da larga e velha herança que até a elle chegára, escorrendo sonoramente, de degrau em degrau, por uma nobre escadaria de avós. Dez luizes!...

E D. Philippe, depois de agitar na mão fidalga, as derradeiras moedas de ouro, encaminhou-se entamente para o logar que meia hora antes havia abandonado á banca da roleta.

De pé, apoiado ao espaldar da sua cadeira ainda vazia, deixou cahir sobre o taboleiro verde o seu rio olhar indifferente e altivo. Os numeros deappareciam afogados no ouro e na prata dos outros jogadores.

Permaneceu immovel por longo tempo, sem ver o que olhava. Seus sentidos estavam de todo

occupados pelo pensamento que lhe trabalhava afflicto dentro do cerebro : — Era preciso refazer a fortuna esbanjada, ou parte d'ella... Mas com cem mil francos, apenas cem mil! poderia salvar-se, sem cahir no ridiculo aos olhos do meio em que se arruinára... Com cem mil francos correria, sem perda de tempo, a Pariz, solveria as dividas que ali deixára garantidas sob palavra, e logo em seguida, a pretexto de qualquer exigencia da saude, simularia uma viagem á Suissa e partiria para a America com o que lhe restasse em dinheiro. Na America engendravam-se rapidas riquezas; descobriam-se dotes fabulosos! Se fosse preciso trabalhar — trabalharia!

Não sabia em que, e como, iria trabalhar, mas a miragem do novo mundo surgia-lhe á imaginação n'um sonho de ouro; n'uma apothecose de milagres de reabilitação, em que a sua incompetencia para qualquer trabalho productivo encontraria lugar entre os vencedores. Nenhum programma, nenhuma idéa acompanhava aquella esperança; confiava na America como confiára nas cartas e na roleta. Era ainda uma esperança de jogador. Era a cega confiança no acaso!

Não seria a America tambem um taboleiro verde, banhado pelo ouro da California?... Elle era a moeda jogada n'um ultimo lance pelo desespero!

Iria!

E, depois?... Como seria bello volver á Europa,

muitas vezes millionario, com um resto de mocidade, para continuar a gozar os vicios interrompidos?...

E, enquanto castellavam seus doidos pensamentos, succediam-se os golpes da roleta, e o ouro e a prata dos jogadores perpassavam em rio por defronte dos seus olhos distrahidos.

— Mas, e se eu perder?... interrogou elle á propria consciencia.

E o fidalgo não teve animo de entestar com a solução que esta pergunta exigia, como se temesse abrir de prompto, alli mesmo, um duro e violento compromisso com a sua honra.

Todavia, se perdesse aquelle miseravel punhado de moedas, que lhe restava além do... suicidio?... Que lhe restava no mundo, que não fosse ridiculo e humilhante?...

E viu-se sem vintem, esgueirando-se como uma sombra pelas ruas escuras, com as mãos escondidas nas algibeiras do sobretudo, fugindo de todos, desconfiado de que a sua irremediavel miseria fosse de longe presentida como uma molestia infecta. Teve um calafrio de terror.

As fallazes hypotheses de salvação, que covardemente se lhe apresentavam ao espirito, lembrando amigos ricos e recursos inconfessaveis, eram amargamente repellidas pelo seu orgulho, ainda não vencido.

— *Faites vos jeux, messieurs!* exclamou o banqueiro.

E D. Philippe sorriu resignado e triste, como respondendo affirmativamente para dentro de si mesmo á voz que appellava para seus brios, e, depois de saeudir inda uma vez as dez moedas, espalmou a sua linda mão inutil e, eom um ar mais do que nunca indifferente e sobranceiro, despejou-as na seeção do Vermelho que á mesa lhe ficava em frente.

— *Rien ne va plus!*

Uma vertigem toldou-lhe a fingida ealma.

A pequena esphera de marfim girava já no quadrante da roleta. Fez-se em toda a sala um silencio que doia de frio.

Se n'aquelle golpe, em vez de um numero vermelho, viesse um numero preto, pensou o desgraçado, qualquer mendigo das ruas seria mais rico do que elle!...

E a bola girava já eom menos força, prestes a tombar no numero veneedor.

O fidalgo deixou-se cahir assentado na eadeira, fineando os eotovellos na mesa e escondendo o rosto nas suas duas mãos abertas.

A bola tombou no numero. Vermelho!

Os dez luizes de D. Philippe transformaram-se em vinte. E o fidalgo não teve um gesto; esperou novo golpe, aparentemente imperturbavel.

O taboleiro esvasiou-se e de novo se encheu de reluzentes paradas. O banqueiro feehou o jogo; a bola girou, eahiu.

Veuu outra vez vermelho.

D. Filippe continuou immovel, sem tirar as mãos do rosto. Sobre os seus vinte luizes derramaram-se outros vinte.

E o jogo continuou, silenciosamente.

E, no meio do surdo ancisar dos que jogavam, um terceiro numero vermelho dobrou a parada de D. Filippe, que conservava a sua immobilidade de pedra.

Tão forte porém era o arfar do seu peito, que todo o corpo lhe acompanhava as pulsações do coração.

Vermelho!

E oitenta luizes despejaram-se sobre os oitenta luizes do jogador immovel.

Vermelho!

E o ouro começou a avultar defronte d'elle.

Vermelho ainda!

E as moedas iam formando já um comoro de ouro defronte d'aquella figura extatica, da qual só se viam distinctamente as duas mãos, muito brancas, ligeiramente veiadas de azul puro.

Ainda vermelho!

E a figura impertubavel parecia agora de todo petrificada. E as duas mãos brancas pareciam fitar escarninhamente os outros jogadores, rindo por entre os dedos fixos.

A immobilidade e a fortuna do singular parceiro começavam a impressionar a todos.

Vermelho!

E já os olhares dos homens e das mulheres não

se podiam despregar d'aquelle mysterioso compa-
nheiro de vicio, cuja physionomia nenhum d'elles
conhecia ainda, absorvido como até então estivera
cada qual no proprio jogo.

Vermelho! Vermelho!

E o monte de ouro ia crescendo, crescendo,
defronte d'aquellas duas mãos que pareciam cada
vez mais brancas, mais escarninhas, e mais ferra-
das ao rosto do jogador immovel.

Vermelho! Vermelho! Vermelho!

E as moedas alargavam a zona inteira, escor-
rendo por entre os cotovellos do jogador de pe-
dra, e cahiam-lhe pelas pernas inalteraveis, e
rolavam tinindo pelo chão.

Vermelho! E os jogadores esqueciam-se do
proprio jogo para só attentar no jogo do singular
conviva; á espera todos que aquellas duas mãos
de marmore se affastassem; que aquella escarni-
nha mascara cahisse, revelando alguem.

E a cada golpe uma nova riqueza vinha dobrar
a riqueza accumulada defronte do sinistro masca-
rado de marmore. Em vão, ao lado d'elle, uma
formosa creatura, com ares de rainha e olhos de
soubrette, aquecia-lhe havia meia hora a perna
esquerda com a sua perna direita; em vão, por
detraz da sua cadeira, formára-se um palpitante
grupo de mulheres, que riam forte e lhe discutiam
a fortuna, apostando, a cada novo golpe da sorte,
se o original jogador sustentaria ou não o lance
por inteiro.

E já quando o vermelho era ainda uma vez anunciado pelo tremulo banqueiro, partia de toda a sala uma explosiva exclamação de pasmo.

Era preciso tocar a cada instante o tympano, pedindo attenção e silencio.

Mas os commentarios reproduziam-se, fervendo em torno da estatua feliz. Uns protestavam contra a loucura d'aquella pertinacia, pedindo para seu castigo um numero negro; outros se enthusias-mavam com ella e soltavam bravos de applauso; outros ainda calculavam o ouro accumulado, som-mando os lances.

E o banqueiro, cada vez mais pallido, tomava com a mão tremula a bola fatidica, e, a tremer, fazia-a girar na gamella dos numeros, e, a tremer, annunciava offegante o numero vencedor, que era sempre vermelho.

Cada numero vinha acompanhado de um côro de pragas e gargalhadas.

Até que, n'um desalento do capitão vencido, o banqueiro, dando ainda o ultimo vermelho, annunciou com uma voz de naufrago sem esperanças:

— Banca... á gloria!

Mas, nem assim, o imperturbavel jogador mysterioso fizera o menor gesto; ao passo que em redor d'elle se acotovelavam os viciosos de ambos os sexos e de todas as nações, formando uma rumorosa e irrequieta muralha, anciosa de curiosidade.

Chamaram-n'ò de todos os lados, em todas as linguas e em todos os tons.

Elle se não moveu.

Tocaram-lhe no hombro ; tocaram-lhe na cabeça.

Nada !

Sacudiram-lhe o corpo.

A estatua continuou immovel.

Então, dois homens, tomando cada um uma das mãos do fidalgo, arrancaram-lh'as do rosto, enquanto um terceiro lhe levantava a cabeça.

E um só grito de horror partiu d'entre toda aquella gente.

Quem á gloria levára a banca e ali estava immovel a jogar com elles durante a noite, provocado pelas mulheres e invejado pelos homens, era um cadaver frio, de olhos escancarados, a bocca semi-aberta, e com duas lagrimas compridas escorrendo pela algidez das faces contrabidas.

Largarem-n'ò espavoridos ; e o morto tombou com a cabeça sobre a mesa, collando o rosto e as mãos de marmore sobre o seu ouro, como se o quizesse defender da cobiça dos outros jogadores sobreviventes, que já discutiam aos gritos a legitimidade d'aquella posse.

O IMPENITENTE

O IMPENITENTE

Conto-vos o caso, como m'ó contaram:

Frei Alvaro era um bom homem e um man frade. Capaz de todas as virtudes e de todos os actos de devoção, não tinha todavia a heroica sciencia de domar os impulsos do seu voluptuoso temperamento de mestiço e, a despeito dos constantes protestos que fazia para não peccar, peccava sempre. Como extremo recurso, condemnára-se nos ultimos tempos a não arredar pé do convento. A noite fechava-se na cella, procurando penitenciar-se dos passados desvarios; mas só reprimir o irresistivel desejo de recommençal-os era já o maior dos sacrificios que elle podia impôr á sua carne rebelde.

Chorava.

Chorava, ardendo de remorsos por não poder levar de vencida os inimigos da sua alma envergo-

nhada ; chorava por não ter forças para fazer calar os endemoninhados hospedes do seu corpo, que, dia e noite, lhe amotinavam o sangue. Quanto mais violentamente procurava combatêl-os, tanto mais viva lhe acommettia o espirito a incendiaria memoria dos seus amores peccaminosos.

E no palpitante cordão de mulheres, que em vertigem lhe perpassavam cantando diante dos desejos torturados, era Leonilia, com seus formosos cabellos pretos, a de imagem mais nitida, mais persistente e mais perturbadora.

Em que dia a vira pela primeira vez e como se fizera amar por ella, não o sei, que esses monasticos amores só chegam a ser percebidos pelos leigos como eu, quando o fogo já minou de todo e abriu em labareda, a lançar fumo até cá fóra. A primeira faisca e ás primeiras brazas, nunca ninguém, que eu saiba, os presentiu, nem d'elles suspeitou.

Certo é que, durante bellos annos, Frei Alvaro, meia-noite dada, fugia aos muros do seu convento e, escolhendo escuras ruas e cosendo-se á propria sombra, ia pedir á alcova de Leonilia o que lhe não podia dar a solidão da cella.

Pertenceria só ao frade a bella moça ? Não-o creio.

E elle? seria só della? Tambem não, pois reza a lenda, donde me vem o caso, que, em varios outros pontos da cidade, Frei Alvaro era igualmente visto fóra d'horas, embuçado e suspeito;

correndo sem duvida em busca de profanas consolações daquelle mesmo genero.

Mas, no martyrio da reclusão a que por ultimo se votára, era seguro a lembrança de Leonilia o seu maior tormento. E assim aconteceu que, certa noite, á força de pensar nella, foi tal o seu desasocego de corpo e alma, que o frade não pôde rezar, nem pôde dormir, nem pôde lêr, nem pôde fazer nada. Com os olhos fechados ou abertos, tinha-a defronte delles, linda de amor, a enlouquecel-o de saudade e de desejo.

Então, desistindo da cama e dos livros, poz-se á janella, muito triste, e ficou longo tempo a consultar a noite silenciosa. Lá fóra a lua, inã mais triste, illuminava a cidade adormecida, e no alto as estrellas parecia que pestanejavam de tedio. Nada lhe mandava um ar de consolação para aquella infundavel tortura de desejar o prohibido.

De repente, porém, estremeceu, sem poder acreditar no que viam seus olhos.

Seria verdade ou seria illusão dos seus atormentados desejos?... Lá em baixo, no pateo, dentro dos muros do convento, um vulto de mulher passeava sobre o lagedo.

Não podia haver duvida!... Era uma mulher, uma mulher toda de branco, com a cabeça núa e os longos cabellos negros derramados.

Céus! e era Leonilia!... Sim, sim, era ella, nem podiam ser de outra mulher aquelles cabellos tão formosos e aquelle airoso menear de corpo! Sim,

era ella... Mas como entrára alli?... Como se animára a tanto!...

E o frade, sem mais ter mão em si, correu a tomar o chapéo e a capa e lançou-se como um doido para fóra da cella.

Atravessou frémente os longos corredores, desgalgou a escadaria de pedra, e ganhou o pateo.

Mas o vulto já lá não estava.

O monge procurou-o, afflicto, por todos os cantos. Não o encontrou.

Correu ao parapeito que dava do alto para a rua, sobre o qual se debruçou ancioso, e, com assombro, descobriu de novo o mysterioso vulto, agora lá fora, a passeiar em baixo, á luz do lampeão de gaz.

Já impressionado de todo, Frei Alvaro desceu em um relance as escadas do atrio, escalou as grades do mosteiro e saltou á rua.

O vulto já não se achava no mesmo ponto; tinha-se afastado para mais longe. Frei Alvaro atirou-se para lá, em disparada, mas o vulto deitou a correr, fugindo na frente d'elle.

— Leonilia! Leonilia! Espera! Não me fujas!

O vulto corria sempre, sem responder.

— Olha que sou eu! Attende!

Leonilia parou um instante, voltou o rosto para trás, sorriu, e fugiu de novo quando o monge se approximava.

Afinal já não corria, deslisava, cemo se fôra levada pelas frescas virações da noite velha, que lhe

desfraldavam as saias e os cabellos fluctuantes.

E o mōnge a perseguil-a, ardendo por alcançal-a.

— Attende! attende! flôr de minha alma! supplicava elle, já com a voz quebrada pelo cansaço. Attende pelo amor de Deus, que deste modo me matas, criminosa!

Ella, ao escutar-lhe as sentidas vozes, parecia attender, suspendendo o vôo, não por commovida, mas por feminil negaça, a rir provocadora, braços no ar e o calcanhar suspenso, prompta, mal o frade se chegasse, a desferir nova carreira.

E assim venceram ambos ruas e beccos, quebrando esquinas, cortando largos e praças. O frade tinha já perdido a noção do tempo e do logar, e estava prestes a cahir exausto, quando, vendo a moça tomar certa ladeira muito conhecida delles dous, creou novo animo e proseguiu na empreza, sem afrouxar o passo.

— Vae recolher-se á casa!... concluiu de si para si. Não me quiz fallar na rua... Ainda bem!

Leonilia, com effeito, ao chegar á porta da casa, onde outr'ora o religioso fruia as consolações que o seu mosteiro lhe negava, enfiou por ella e sumiu-se sem ruido.

O frade acompanhou-a de carreira, mas já não a viu no corredor e foi galgando a escada. Encontrou em cima a porta aberta, mas a sala tenebrosa e solitaria; penetrou nella, tacteando, e seguiu adeante, sem topar nenhum movel pelo caminho.

— Leonilia! chamou elle.

Ninguém lhe respondeu.

O quarto immediato estava tambem franqueado, tambem deserto e vasio, mas não tão escuro, graças á luz que vinha da sala do fundo. O religioso não hesitou em precipitar-se para esta; mas, ao chegar á entrada, estacou, soltando um grito de terror.

Gelára-lhe o sangue o que se lhe offereceu aos olhos. Eriçaram-se-lhe os cabellos; invencível tremor apoderou-se do seu corpo inteiro.

A sala de jantar, onde tantas vezes, feliz, ceiára a sós com Leonilia, estava transformada em camara mortuaria, toda funebremente paramentada de cortinas de velludo negro, que pendiam do tecto constelladas de lantejoulas e guarnecidas de caveiras de prata. Só faltava o altar. No centro, sobre uma grande eça, tambem negra e enfeitada de galões doirados, havia um caixão de defunto. Dentro do caixão um cadaver todo de branco, cabellos soltos. Em volta, cirios ardiam, altos, em solemnes tocheiros, cuspindo a cera quente e o fumo côr de crepe.

O monge, livido e tremulo, approximára-se do catafalco. Olhou para dentro do caixão e recuou aterrado.

Reconhecêra o cadaver. Era da propria mulher que pouco antes o fôra buscar ao convento e o viera arrastando até alli pelas ruas da cidade.

Sem animo de formular um pensamento, o frade deixou-se cahir de joelhos sobre o negro

tapete do chão e, arrancando do seio o seu crucifixo, abraçou-se com este e começou a rezar fervorosamente.

Rezou muito, de cabeça baixa, o rosto afogado em lagrimas. Depois, ergueu-se, foi ter á eça, poz-se na ponta dos pés para poder alcançar com os labios o rosto do cadaver e poisou nas faces enregeladas um extremo beijo de amor.

Em seguida, olhou em dredor de si, desconfiado e timido, e, como não houvesse na sala uma só imagem sagrada em companhia da morta, desprendeu do pescoço o crucifixo e foi piedosamente dependural-o na paredé, á cabeceira della.

Mas, nesse mesmo instante, as tochas apagaram-se de subito e fez-se completa escuridão em torno do impenitente. Foi ás apalpadellas que elle conseguiu chegar até á porta de sahida e ganhar a rua.

Lá fóra a noite se tinha feito tambem negra e os ventos se tinham desencadeado em furia, ameaçando tempestade. O monge deitou a fugir para o mosteiro, sem animo de voltar o rosto para traz, como temeroso de que Leonilia por sua vez o perseguisse agora até ao domicilio.

Quando alcançou a cella tiritava de febre.

Acharam-no pela manhã sem sentidos, defronte do seu oratório, joelhos em terra, braços pendidos, cabeça de borcó sobre um degrau do altar.

Só muitos dias depois, um dia de sol, conseguiu sahir á rua, ainda pallido e desfeito. Seu primeiro

cuidado foi correr aonde morára Leonilia e rondar a casa em que a vira morta.

Encontrou-a fechada e com lettreiro annunciando o aluguel.

— Está vasia depois que nella morreu o ultimo inquilino, explicou um vizinho.

— Ha muitos dias? quiz saber o frade. E estremeceu quando ouviu dizer que havia uns oito ou dez.

— E o morador quem era? perguntou ainda.

— Era uma mulher. Chamava-se Leonilia... Morreu de repente...

— Ah!

— Se quer alugar a casa, encontra a chave alli na esquina...

Frei Alvaro agradeceu, despediu-se do informante, foi buscar a chave, abriu a porta, entrou e percorreu toda a casa.

Só elle, além de Deus, soube a impressão que sentiu ao contemplar aquellas salas e aquelles quartos.

— Extranho caso!... disse consigo, sem animo de olhar de rosto para o temeroso abysmo da sua duvida. Fui victima de uma allucinação que coincidiu com a morte desta querida cumplice dos meus peccados de amor...

E, enxugando os olhos, ia retirar-se conformado com a dupla dôr da saudade e do remorso,

quando, ao passar rente de certa parede, estremeceu de novo.

Tinha dado com os olhos no seu crucifixo, do qual já se nem lembrava. Permanecia pendurado no mesmo ponto em que o monge o deixára na terrível noite.

PELO CAMINHO

PELO CAMINHO

I

Durára a pandega a noite inteira ; uma d'essas orgias banaes, grosseironas, genuinamente fluminenses ; que principiam por um jantar de hotel, em gabinete particular, continuam durante a representação de qualquer theatro, depois durante a ceia no München, até ás duas ou tres horas da manhã, para terminar por um invariavel passeio de carro aos arrabaldes da cidade.

Os quatro pandegos, dois rapazes e duas raparigas, armados de algumas garrafas de Cliquot, foram dar com os ossos na Tjuca quando o dia repontava.

O carro havia parado, e os libertinos, de taça em punho, sopeavam a rolha do Champagne, promptos para saudar o primeiro raio de sol que

lhes viesse illuminar a orgia d'aquella noite perdida. Estavam perto da raiz da serra, n'uma encosta em que velhas arvores tranquillias pareciam encolher-se de frio ao orvalhado relento. As montanhas, como gigantes estendidos ao longo do horizonte, dormiam ainda, agasalhadas nos seus lençóes de neblina. O repousado aspecto da natureza contrastava com a feição dissoluta d'aquella libertinagem ao ar livre. Do grupo dos folgazões evolava-se um capitoso vapor de loucura em pleno viço, de estroinice em flôr, uma forte exhalação de mocidade que ferve e crepita ao doido fogo dos primeiros vicios.

Irradiou o sol e as taças ergueram-se transbordantes.

— Ao amor! Ao prazer!

— Hurrah!

O bramido alegre echoou na solidão dos valles, e uma das loureiras abriu a cantar uma cançoneta buffa, acompanhada nos estribilhos pelos tres companheiros.

Entretanto, n'essa mesma direcção, outro grupo bem diverso lentamente se approximava, subindo a estrada em tardio e cansado passo.

Era naturalmente algum enfermo acompanhado pela familia, que demandava a serra da Tijuca, em busca de salvação nos ares puros. Vinha na frente uma cadeirinha carregada á moda antiga por dois negros; ao lado d'ella, caminhando a pé, guardava-lhe a portinhola um homem de cabellos

brancos e respeitavel apparencia, o ar solícito e pèzaroso; e, logo atraz, arrastava-se uma velha e triste carruagem de aluguel, com a cupola fechada.

O novo grupo parou defronte do primeiro. Calaram-se os estroinas, e um d'estes, reconhecendo o homem que guardava o palanquim, ergueu-se, livido e tremulo de commoção. É que, por aquelle velho, podia calcular com segurança quem era a infeliz creatura que ia alli enferma ou talvez moribunda. E, através das nevoas da sua embriaguez, começou-lhe por dentro a offegar a consciencia, na medrosa previsão de remorsos e vergonha.

Os negros depuzeram no chão o palanquim, desviaram do varal os hombros fatigados e affastaram-se, para descansar um instante.

Moveu-se então a cortina da portinhola; debil mãosinha arredou-a de dentro com difficuldade, e uma feminíl cabeça loura surgio á luz dourada da manhã. No rosto, mais pallido que o de uma santa de cêra, fulgaravam-lhe os olhos com estranho brilho.

E esses olhos deram com os olhos que a fitavam do outro grupo e scintillaram mais forte, n'um relampago seguido de um grito, que a cortina do palanquim abafou logo.

O moço, que a custo se conservára de pé no carro, deixou-se cahir sobre as almofadas, cobrindo o rosto com as mãos, enquanto os outros

libertinos, exgottando a ultima taça, gritaram ao coeheiro que toeasse para a cidade.

O carro disparou.

— Ao amor! Ao prazer!

— Hurráh!

II

Tinham sido namorados. Elle era rico e bello, a moça pobre e de feições modestas. O namoro fôra em casa da familia d'ella, antes do bandoleiro se ter atirado á vida dos prazeres.

Um dia, depois de todos os juramentos trocados na linguagem dos olhos e na linguagem dos sorrisos, elle approximou a sua cadeira da machina de costura em que a moça trabalhava, e segredou :

— Se eu tivesse plena certeza de que me amas!...

Ella estremeceu e eorou, abaixando os olhos.

Elle proseguiu no mesmo tom : — E quanto soffro a pensar n'isto!... São vagos desejos incompletos, um querer sem vontade, um desejar sem animo... E, no emtanto, minha flôr, sinto que me falta na vida alguma cousa, que talvez não seja só a tua ternura... Se me perguntarem o que é, não saberei responder... mas sinto que preciso

dedicar-me a qualquer ideal, sacrificar-me por qualquer amor!

Ella deixára de coser e não levantava o rosto. Elle approximou mais a sua cadeira e segredou ainda, tomando-lhe as mãos : — Tu me amas?... Falla!...

A moça estremeceu mais forte e levantou para o seu amado os olhos transparentes, no fundo dos quaes brilhava agora o reflexo de uma esperança feliz.

— Sim... balbuciou, enrubecendo.

E por um instante sua doce alma de donzella sentiu approximar-se a musica de uma confissão de amor. E seu coração abriu, de par em par, as petalas viçosas, para recolher a palavra ambicionada, a palavra insubstituivel na vida da mulher. — Amo-te! — o sagrado « Amo-te » que toda a mulher, para ser feliz, precisa ter ouvido, da bocca de um homem, pelo menos uma vez na existencia.

Mas a desejada palavra não chegou aos ouvidos da moça, nem passaram dos labios irresolutos do seu namorado.

Alguem interrompeu o idyllio. A leviana cadeira afastou-se, sem declarar o que tinha a dizer á modesta machinazinha de costura.

III

Depois que o bandoleiro se ausentou de todo, a pobre moça ia contando os dias pelos progressos da sua mágoa. A dôr e a tristeza crystalisaram-se em molestia. Demais, fôra sempre propensa ás affecções pulmonares; a melindrosa susceptibilidade do seu fragil organismo reclamava, para o milagre da vida, o milagre do amor.

Como toda moça casta, sem brilhante prestigio de ouro ou de belleza, fôra sempre concentrada e retrahida. Não dividia com outros os seus tímidos desgostos de donzella e ás suas humildes decepções de menina pobre. Um como intimo recato de orgulhosa fraqueza, um como consciente pudor da sua immaculada inferioridade, um como decoro da sua virtude inutil, faziam-na reprimir os soluços deante da familia e das amigas, recalcando em segredo as lagrimas vencidas, que lhe subiam do coração e para o coração voltavam, sem ninguem que as comprehendesse ou enxugasse.

Nunca lhe ouviram a sombra de uma queixa. Todavia, na sua angelical credulidade, chegára a crer houvesse, no circo gymnastico da vida, alguma cousa entre os homens que não fosse egoismo só e vaidade; chegou, pobre innocente, a suppôr que o facto de ser meiga, docil, virtuosa

e pura lhe valeria o amor do moço pelo seu coração eleito. E, uma vez desilludida, a sua femi-
lidade, em vez de expandir em flôr o aroma dos
vinte annos, fechoù-se em botão, para nunca mais
rescender, vencida, como foram vencidas as suas
lagrimas.

E tambem nunca mais lhe voltaram ás faces as
rosas que a natureza ahi lhe tinha posto para
attrahir as azas dos beijos amorosos; nem aos
olhos tão pouco lhe voltaram as alegrias com que
d'antes esperavam sorrindo o « Amo-te » sagrado.

Enfermou de todo. Afinal sua existencia era já
um caminhar seguro para a morte. O pae estalava
de desespero sentindo fugir-lhe irremissivelmente
aquella vida estremecida, pouco a pouco, como
um perfume que se evapora. Ella sorria, resi-
gnada. Estava cada vez mais abatida, mais fraca;
parecia alimentar-se só com a muda preocupação
da sua magoa sem consolo. O pae levou-a a prin-
cipio para o Silvestre, depois para a raiz da serra
da Tijuca; o medico, porém, á proporção que a
molestia subia, ordenou que fossem tambem su-
bindo sempre, em busca de ares mais puros.

E lá iam elles, como um bando de foragidos, a
fugir diante da morte. Só a doente parecia confor-
mada com a situação, os mais se maldiziam e
choravam. Ella sorria sempre, sempre triste, com
o rosto levemente inclinado sobre o hombro.

Já quasi se não distinguiam as suas fallas, e só
pelos olhos verdadeiramente se exprimia, que

esses eram agora mais vivos e penetrantes. As vezes, como se pretendesse deshabituarse de viver, fugia para um profundo scismar, de que a custo desmergulhava estremunhada. Pedia n'esses momentos que lhe abrissem a janella do quarto, e o seu olhar voava logo para o azul, como mensageiro da sua alma que tambem não tardaria, com o mesmo destino, a desfeir o vôo.

E assim foi que a machinazinha de costura para sempre se conservou fechada e esquecida a um canto da modesta sala de jantar. Nunca mais a leviana cadeira se approximou d'ella, para declarar o que lhe tinha a dizer.

IV

— Ao Amor! Ao Prazer! Hurrah! blasphemou o écho.

E o carro dos libertinos sumiu-se na primeira dobra da estrada.

O campo recahiu na sua concentração murmurosa.

A cadeirinha continuava no ponto em que a depuzeram. O sol, ainda brando, derramava-se como uma benção de amor, e nuvens de tenuo fumo brancacento desfiavam-se no espaço, subindo dos valles como de um incensorio religioso. O

ceu tinha uma consoladora transparencia em que se lhe via a alma ; passaros cantavam em torno da tranquillã moribunda ; ouvia-se o marulhar chorooso das cascatas, a supplica dos ventos, a prece matinal dos ninhos. Toda a natureza parecia em oração.

A moça pediu que lhe abrissem a porta do palanquim e, reclinada sobre o collo do pai, fitou o espaço com o seu olhar de turqueza humida. O azul do ceu comprehendeu o azul d'aquelles olhos celestiaes. Houve entre ellès um idyllio mudo e supremo.

Ninguem em torno dava uma palavra ; só se ouviam os murmurios da matta, acordando ao sol e os esgarçados échos da musica dos Meninos Desvalidos que, para além da serra, tocava a alvorada. A moça continuou a olhar para o azul, como se deixasse arrebatã lentamente pelos olhos. Encarou longo e longo tempo o espaço, sem pestanejar. Depois, duas lagrimas apontãram-lhe nas palpebras immoveis e foram descendo silenciosas pela pallidez das faces. Um sorriso que já não era da terra pairou um instante á superficie dos seus labios puros.

Estava morta.

RESPOSTA

RESPOSTA

Sim, minha senhora, póde acreditar nas phrases que me enviou na sua enternecida consulta, transcriptas da carta que « Elle » lhe escreveu. São sinceras, affianço !

Ai, minha senhora, como eu conheço esses casos !... A estas horas deve o infeliz estorcegar-se de agonia num dos circulos mais torturantes desse inferno subterraneo do amor, para onde, depois dos beijos trocados á luz das estrellas ou no confidencial sigillo das alcovas, vão as almas penar tristemente com saudades e ciumes ás doidas e fugitivas horas que beberam de labios juntos pela mesma taça agora partida.

O amor, interrompido na plenitude do seu enlevo, é a magoa maior e mais amarga que o coração conhece. O homem, quando se vê forçado a deixar a mulher que ama, mal della se affasta,

sente logo, a rondar-lhe os passos, a retardar-lhe a fuga, o doloroso espectro da sua felicidade perdida. E essa sombra expulsa com elle do paraizo, nunca mais o larga, acompanha-o, soluçando-lhe ao lado, gemendo e supplicando, a puxar-lhe a cada instante a negra tunica de desesperos que o infeliz a custo lá vae arrastando pela noite sem estrellas da sua retirada.

E se é ella que lhe foge dos braços... ah! então já não é magoa, é dôr, e verdadeira, que ás vezes mata. Quando a mulher nos foge dos braços deixamos a alma vasia, como o abandonado molde de uma estatua.

Para onde formos, para onde fugirmos, havemos de levar a ausencia della. Em tudo que ouvirmos, em tudo que fizermos, havemos de sentir um pouco da sua essência, como se a ingrata se volatilisasse n'um doloroso aroma e estivesse a pairar sobre todas as coisas que nos cercam.

Côr, musica, perfume, tudo nos diz que ella existe, mas tudo nos diz que ella está ausente de nós. Todos os objectos que vemos se resentem d'ella, como se a nossa amada acabasse n'esse instante de passar por elles. Descobrimos a marca do seu pé por todos os caminhos da nossa vida, o aroma da sua mão em todas as caricias que nos façam outras mulheres, um raio dos seus olhos mentirosos em todas as luzes da terra e em todas as luzes do céu, o negrume dos seus cabellos em todas as trevas do nosso abandonó, e o echo do

seu riso e a harmonia da sua voz em todos os nossos intimos gemidos e em todos os gorgeios e todos os murmúrios da natureza.

A feiticeira abelha passou por nós, fugiu, sumiu-se, mas o crystal ainda geme, ferido, ás vibrações produzidas pelo roçar da sua aza doirada !

Estranha natureza das cousas ! Quando a mulher, que nos enchia toda a existencia com o seu amor, nos foge repentinamente, nós, que havíamos nella tudo concentrado ; nós, que fazíamos della a nossa melhor preocupação e o nosso unico egoismo ; nós, que com o seu vulto querido escondíamos todos os aspectos da vida, todas as outras creaturas da terra, e tudo, tudo, que não fosse o nosso proprio amor ; nós, que só a ella viamos, só a ella sentíamos, só a ella amavamos ; nós, uma vez despojados da sua presença vamos enconral-a virtualmente por toda a parte, a cada passo, e em todos os objectos que ella dantes não nos deixava sentir nem ver.

Como isto é penosamente verdadeiro, minha senhora !

Emquanto a possuíamos, ella representava para nós o mundo inteiro ; perdemos-a, é o mundo inteiro que para nós a representa agora. O sol que se levanta falla-nos della ; á noite ao cahir lembra-a-nos com a sua primeira estrella. Uma mulher que passa, um passaro que canta, tudo nos aviva a nossa saudade, tudo nos lembra a nossa

amada ausente, tudo nos apunhala o coração. E quanto mais queremos esquecê-la, tanto mais a sua lembrança nos arrebatá para as extinctas épocas felizes do nosso amor. Os mais insignificantes factos de então, dos quaes até ahí nem sequer nos reeordavamos, transformam-se agora em objecto de saudade e fazem-nos ehorar de dôr.

E prineipiamos, minha senhora, a reconstruir todos e todos os episodios, até os mais infimos da vida de amantes que dantes tínhamos; começamos, com uma paciencia inquisitorial, a apanhar do fundo da nossa saudade, um por um, todos os fragmentos do poema de amor que ella e nós estaçalhamos n um fatal momento de colera.

Não nos eseapa a mais pequenina particula do passado feliz; mergulhamos aos valles mais profundos da memoria, para de lá voltarmos offegantes eom uma phrase, uma palavra, um sorriso, que ella nos deu despreoeepadamente nos tempos venturosos.

Tudo isso, todos esses nada da ternura, têm agora grande valimento para nós; tudo isso ganhou prestigio e perfume aos olhos da nossa alma ferida. Uma flôr sem destino que ella nos enfiára um dia na botoeira do fraque; algumas palavras que de outra vez nos disse, assentada sobre os nossos joelhos; um suspiro que lhe escapou quando em certa occasião lhe fallavamos de outra mulher; um sonho em que lhe ouvimos dizer baixinho o nosso nome; tudo, tudo, para o

que não attentavamos então, surge-nos agora ao espirito, repassado de um melancolico arrependimento de não termos sabido melhor aproveitar em tempo aquella felicidade, para sempre perdida.

E eis que vemos a sua imagem, nitida, real, extendida no leito, com os olhos meio cerrados, um leve sorriso; em que transparece uma pontinha de fadiga, a entreabrir-lhe as petalas da boeca. Iamos então a sahir e, emquanto abotoavamos o sobretudo, de costas, indiferentemente, viamos a sua imagem reflectida no espelho. Ah! nessa occasião, loueos que somos! não reparavamos quanto ella era formosa! Olhavamos saeios para o marmore do seu corpo como um guarda de museu olha a nudez das Venus gregas.

E continua o martyrio : Vemol-a, agora vestida, esbelta, prompta para o passeio, a prender uma flôr ao collo, emquanto nós, estendidos n'um divan, esperavamos por ella a fumar ou a lêr. E vemol-a assentada negligentemente á mesa do almoço, em roupa de manhã, ou mais tarde, ás horas de calor, na chacara, a folhear um romance ou solfejar uma canção. E na rua, no theatro, na sala ou na aleova, é sempre ella que vemos, é sempre ella que encontramos, depois que ella nos fugiu dos braços.

E o tormento não pára mais, nunea mais, minha senhora! O eerebro não larga de raspar as paredes da memoria. A saudade trabalha, trabalha dentro da nossa amargura, como uma toupeira

dentro da terra, de dia e de noite, a excavar o passado, para extrahir de lá as raizes do nosso amor com que ella, a bruxa, se alimenta. E é a chorar que sonhamos todas as sepultadas venturas que a perjura nos deu um dia; é com o coração aberto, a escorrer sangue, que nos arrastamos até á miragem dos beijos que já não existem; é com as azas partidas e as carnes alanhadas que de lá cahimos desilludidos, desabando, como o anjo maldito, no mais fundo do abysmo da nossa dôr sem esperança.

Ah, não! minha senhora, não! Elle não lhe mentia na carta que lhe escreveu. Responda e verá.

Mas, é preciso prevenil-a de uma coisa, e é que os fructos da reconciliação, por melhores, não valerão juntos uma só particula da deliciosa magoa que n'este instante lhe faz arfar o seio e que hontem a levou tão commovida a consultar-me sobre o estado actual do seu coração.

Na união amorosa de um par, diz certo philosopho, é sempre um só o que ama; o outro deixa-o amar. Pois na separação deve ser o mesmo — um soffre e o outro deixa-o soffrer.

É o que lhè dou de conselho, minha senhora — deixe-o soffrer. Deixe-o lá, que soffra sósinho, porque, quando chegar a sua vez, juro que V. Ex. não me consultará sobre o caso; todas as loucuras aconselhadas pelo seu proprio desespero lhe parecerão boas, desde que a conduzam para junto da pessoa amada.

HERANÇAS

HERANÇAS

Duro o sobreceño, a cara franzida e má, trabalhava elle sombriamente á sua secretária, importunado pelo rumor de duas vozes, uma de homem e outra de mulher, que altercavam na sala proxima, n'um arrastado crescendo de rixa habitual.

— Diabo! resmungou, coçando a cabeça. Já lá estão os dous á brigar! Não me deixam fazer nada!...

O ruído augmentou. Cruzaram-se injurias mais fortes; ouviram-se punhadas e pontapés nos moveis.

— Que inferno!

E o rapaz arremessou a penna e correu á porta da sala, exclamando desabridamente:

— Então, meu pae! não tenciona acabar com isso?!

— Pois não vês que é tua mãe que me provoca?!

berrou o outro, apoplectico de raiva. Vem ouvir só o que ella me está dizendo, esta peste!

— Ora tenha juizo!...

— Malandro!

— Ouviste?!

— Não faça caso!...

— Especulador!

— E de mais!

— Deixe-a lá!...

— Bebedo! Covarde!

— Covarde?! Pois vou dar-te o panno de amos-
tra da minha covardia, vibora assanhada!

E o homem atirou-se em furia, de mãos promp-
tas para fechar a mulher dentro das garras. Mas o
filho, de um salto, susteve-lhe a carreira e apre-
zou-o energicamente pelo vigoroso dorso, empur-
rando-o para o quarto onde trabalhava e cuja
porta obstruiu com o corpo.

— Deixa-me, ou te arreponderás! bradou o
pae, ameaçando-o com o punho cerrado.

— Acalme-se! O senhor já está em idade de
ter juizo! Apre!

— Tente na lingua! Olha que ainda sou homem
para amassar vocês dous n'uma só pasta!

O filho não fez caso da nova ameaça, deu com
impeto uma volta á maçaneta da porta e disse ao
outro em tom secco :

— O senhor está hoje n'um dos seus dias, e eu
preciso trabalhar, sabe? O melhor é pôr-se ao
fresco! Vá dar um gyro pela estrada. A lua já

nasceu e os eaminhos estão seccos até á estação...

— Não vou! Ninguém aqui nesta casa tem o direito de mandar-me sahir!

— Deerto, mas é melhor que se affaste... No fim de eontas sou seu filho e peza-me ter de faltarlhe ao respeito para defender minha mãe.

— Chega a tempo esse escrupulo... Não ha que ver!...

— Não puxe palavras! Sinto-me pouco disposto a discutir e tenho muito que fazer!

— Pois não me provocasses! Não te fosses metter onde não eras chamado!

— Não o provoquei, ora esta! Metti-me na sua cõtenda com minha mãe, para lhe não deixar que batesse nella. Não seria a primeira vez. Sei até onde vai a força do seu genio!

— Meu genio! E pódes tu fallar delle?... Acaso tens tu melhor genio do que eu?... Não me terás dado por ventura as mais bellas provas da tua brutalidade e da tua insolencia?... Sempre te conheci feroz! Ainda bem pequeno, em um impeto de raiva, uma vez que no açude te quiz eonstranger a nadar eommigo, mordeste-me o braço como um cão! eonservo até hoje no eorpo o signal dos teus dentes! olha!

E, em um só tempo, o homem arregaçou até ao bieeps as mangas do braço esquerdo, e estendeu-o ereeto e nú defronte dos olhos do filho.

Este abaixou a cabeça eom tristeza, seim desfranzir o sobreenho...

— E exacto... disse, sahi aos meus... Juro-lhe porém que sempre me arrependo das minhas violencias, mal as commetto... E se ainda ha pouco não interviesse na sua disputa com minha mãe, o senhor tel-a-hia espancado...

— E o que tinhas a ver com isso? Antes della ser tua mãe, já era minha mulher! Tu lhe deves respeito, mas eu tenho o direito de ser respeitado por ella!

— Bom! Acabou-se! Vá dar um passeio; vá que isso lhe fará bem...

— Não acabou tal! quizeste arrematar a contenda, pois agora é aguentar com ella! Se assim não fosse, excusava eu de estar aqui a trocar palavras contigo; já sabes que posso passar perfeitamente sem te ouvir a voz...

— Mas afinal, onde quer o senhor chegar?

— Quero despejar os meus resentimentos contra tua mãe e contra ti!

O rapaz sacudiu a cabeça com impaciencia, e soprou forte todo o ar dos pulmões, cerrando mais as sobranceiras.

O outro proseguio, resfolegando a miudo: —

Ella, aos teus olhos, será tudo quanto quizeres; para mim é e sempre foi, um demonio! uma furia infernal! uma serpente venenosa!

— Lembro-lhe de novo que sua mulher é minha mãe!...

— Sei, e é por isso justamente que não a conheces. Não podes ver nella a verdadeira creatura

que nella existe ! Todas as mulheres são, para os seus competentes filhos, uns anjos impecaveis ; mas se aquelle diabo te dissesse uma só parte do que a mim me repete a cada instante, na febre do rancor e da maldade, terias a cabeça em fogo como a minha me escalda neste momento !

— Basta ! não quero saber disso !

— Has de saber ! Não acceito imposições !

— Peço-lhe então que se calle, ou se retire...

— Pedes-me ? Com que direito ? Acaso esperas tu que eu attenda aos teus pedidos ? Só pedidos de amigo se tomam em consideração e tu nunca foste meu amigo !

— Se nunca fui seu amigo a culpa não é minha. O amor filial é sempre uma consequencia do amor dos paes. Não nasce com o filho, é preciso formal-o. Sei que amo minha mãe...

— Tal mãe, tal filho ! Ella declara que me detesta ; elle declara que nunca me amou...

— E o senhor?... amou-me algum dia?... No entanto o seu amor de pae devia ter nascido conmigo, que sou seu filho. Eu tinha o direito ao apeiar-me na vida de encontrar o seu amor já de pé, á minha espera, ao lado dos gemidos de minha mãe parturiênte ; e foi só o amor materno que me recebeu ; e só elle me vigilou o berço. Caricias de pae não me recorda havêl-as recebido na idade em que se fórma o amor no coração das crianças. Sahi dos alugados braços de uma ama para o venal

desterro de um internato de segunda ordem, onde bem raras vezes o senhor foi visitar-me. Nesse tempo, confesso-lhe, menos me lembrava das suas feições que das de outros paes que lá iam frequentemente visitar os filhos mais felizes do que eu, nem sei, com franqueza ! até como não cheguei a esquecê-las de todo ! Do internato segui logo a trabalhar para um paiz extranho, onde suas cartas foram tão raras quanto foram as suas visitas ao collegio. Volto á minha terra, entro de novo nesta casa, sou friamente acolhido pelo senhor e, pouco depois, recebo ordem sua para tomar por esposa uma rapariga, que eu mal conhecia ; recuso. O senhor insiste. Resisto a pé firme ; o senhor oppõe-me com empenho uma série de razões pecuniarias, que em nada alteram o meu proposito ; e então o senhor ameaça-me, como se eu fôra uma criança ou um imbecil, e lança-me á cara todas as brutalidades que lhe vêm á bocca ; eu pela primeira vez, fico conhecendo o homem que é meu pae : começo a detestá-lo e, uma vez por todas, perco-lhe o respeito : insulto-o ! Desde esse infeliz momento, toda a indiferença que o senhor tinha por mim transformou-se em odio, odio legitimo e mortal. E, de então até hoje, o senhor, apesar dos meus esforços em ser bom filho para minha mãe, não procura disfarçar sequer a profunda aversão que eu lhe inspiro ! Não é esta a verdade ?

— Sim, é ! Eu te odeio, porque o teu proceder para commigo, negando-te a acceitar a esposa, cujo

dote vinha salvar tua familia da miseria, foi indigno e cruel, em vista da franqueza com que te fallei e das supplicas que te fiz!

— Indigno?!

— Foi mais : foi degradante, porque foi uma extorsão, foi um roubo!

— Oh!

— Sim, um roubo! Posso proval-o!

— Não! Não ha razões que justifiquem a exigencia de tal sacrificio, nem ha homem de bom senso que se preste a casar pelas conveniencias pecuniarias do pae!

— Ha! Eu fui um delles! Como tu, sahi do collegio para aprender a ganhar a vida longe de minha terra; ao voltar a esta casa meu pae apontou-me, como te aponteí, a mulher com quem devia eu casar. Recalcitrei, como tu recalcitraste; mas o pobre homem trouxe-me para este quarto, que era então o seu gabinete de trabalho, fechou-se commigo e, chorando abriu-me o coração e contou-a sua vida; disse-me que seu casamento tinha já sido feito em identicas circumstancias para salvar meu avô de uma vergonhosa ruina, e pintou-me núa e crúa, tal qual como fiz contigo, a sua tristissima posição. Elle, coitado, tinha aqui em casa uma orphã rica e feia, de quem era tutor, e de cujo dote lançára mão; a maioridade della estava a bater á porta; ia chegar o momento da prestação de contas e meu pae não tinha com que. A sua ultima esperanza era o meu casamento com a pu-

pilla, essa detestavel creatura que foi depois tua mãe. Pois bem! eu, aliás apaixonado por outra mulher, de quem até hoje nunea mais me esqueci; eu não tive animo como tu tiveste, miseravel, de abandonar meu pae ao desespero e ao opprobrio que o esperavam e sacrifiquei-me por elle. Era o meu dever de filho — eumpri-o. Meu filho, por sua vez, não fez o mesmo a meu favor — lesou-me! É um ladrão!

— Cale-se, por amor de Deus! exclamou o rapaz, sentindo que a eolera, dentro d'elle a custò reprimida, ameaçava rebentar.

— Não me calarei! Has de me ouvir!

— Oh! cale-se! cale-se! não me queira fazer mais desgraçado do que sou! Cale-se, ou não responderei por mim!

— Ameaças-me?! bramiu o pae. Não te tenho medo!

O rapaz eerrou os punhos, rilhando os dentes. Tremiam-lhe os museulos da faee, tal era o esforço que fazia para conter-se.

E os dous olharam-se, em mudo e offegante desafio. Pae e filho mediram-se com o mesmo odio, com a mesma irascibilidade hereditaria, com a mesma loucura consanguinea.

Uma palavra mais, só uma palavra, bastaria para os lançar um contra o outro.

Mas a porta da sala abrio-se de roldão, e a mãe accudiu, correndo para o filho, a eujo pescoço se agarrou com impeto.

— Meu filho, não lhe batas! não lhe batas implorou a misera.

— Não lhe tocarei! Obrigado, minha mãe... Elle, porém, que saia já da minha presença! Não o posso ver!

— Lembra-te de que elle é teu pae!...

— Seu pae, nunca! vociferou o outro. Não é possível que este monstro seja meu filho!

E, espumando de raiva, dirigiu-se á mulher, com o punho fechado e o braço extendido, quasi a tocar-lhe no rosto :

— Esse bandido é teu sangue e só teu sangue! Semelhante traficante nunca poderia ter procedido de mim! Concebeste-o de qualquer cigano ou de qualquer vaqueiro errante!

— Ah! gemeu a mulher em um grito de dôr e de revolta, levando ao coração ambas as mãos, como se o tiveram apunhalado.

— Rua! berrou o pae. Sai já daqui de minha casa! Rua, miseraveis!

E atirou-se sobre o filho, para o lançar fóra. Ouviu-se então um bramido de fera assanhada. O rapaz, com um movimento rapido, empolgára-o pela cintura, gritando-lhe feroz :

— Tu é que sahirás, infame! Vou despenhar-te pela escada!

E travou-se a luta, irracional e barbara. Pae e filho eram ambos possantes e destemidos. O rapaz cingia o outro pelos rins e, aos arrancos, procurava arrojá-lo para o corredor. Mas o adversario

resistia, e os dous estreitaram-se com mais gana, feitos em um só, em uma só mole offegante e furiosa, que rodava aos trancos pela casa, levando aos trambolhões o que topava, despedaçando moveis e vidraças, esfregando-se pelas paredes, a rodar sempre, fundidos em um infernal abraço de odio, filho de odio, de odio do mesmo sangue.

Afinal fraqueou o mais velho, cahindo de joelhos. E o outro, de pé, começou a arrastal-o penosamente para o lado da escada.

— Has de sahir! Has de sahir!

O arrastado forcejava para resistir ainda, escorando-se no chão com o pés, com as pernas e com os cotovellos; mas, pollegada a pollegada, ia cedendo. Arfavam como dous touros.

— Larga-me! Larga-me!

— Has de sahir! Has de sahir!

E approximavam-se do patamar. Já parte do caminho estava vencida. Não tardaria o primeiro degrau. O mais velho, porém, a certa altura do corredor, fez um supremo esforço para erguer a cabeça e, pondo as mãos, supplicou de joelhos, quasi sem folego :

— Pára aqui, por amor de Deus! Não me leves mais adeante!... Foi até aqui, neste lugar justamente, que eu, nestas mesmas condições, uma noite como esta... arrastei teu avô como me estás arrastando agora!... Não me leves além do que eu o levei!... Não seria justo!... Vingaste-o!... Estamos quites!

A SERPENTE

A SERPENTE

João Braz foi jantar a Santa Thereza com o seu amigo Manoel Fortuna, como costumava fazer invariavelmente todos os domingos.

Eram ambos do commercio : João guardalivros e o outro estabelecido com uma loja de alfaiate. Grisalhando já entre os quarenta e os cinquenta, não tinham elles todavia vinte annos quando se conheceram ; e essa longa amizade jamais fôra perturbada pelo menor attrito de character.

— A paz dos anjos, seja nesta casa ! exclamou João Braz, no tom risonho e tranquillo com que, ao chegar os domingos á casa do velho amigo, dizia sempre e sempre essa mesma phrase.

— Bons ventos o tragam, compadre, respondeu Manoel, extendendo-lhe a mão. Como tem passado ? E minha afillhada como vae ?

— Sem novidade, graças a Deus. Lá foi mais o marido e os filhos visitar a sogra, na Piedade. Naturalmente só voltam amanhã no trem das nove e meia. D. Maria, já sei, está lá dentro?

— Está. Vá entrando, compadre.

E o guarda-livros enfiou sem cerimonia até á cosinha para ir entregar a Dona Maria, que lá estava ás voltas com o jantar e com a cosinheira, os pacotes de doces e fructas que elle trazia pendurados da mão esquerda.

Abraçaram-se formalmente, entre as palavras e os risos do costume.

João Braz era viuvo já pela segunda vez. Do primeiro matrimonio ficára-lhe uma filha, que, pelo bápismo, o fizera compadre de Manoel, e depois, dezoito annos mais tarde, lhe dera um lindo casal de netos, agora constituídos no alegre enlevo da sua velhice.

Aquelles jantarinhos domingueiros em casa do amigo tinham para elle o irresistivel encanto do mais velho habito de sua vida. Mal cumprimentava os donos da casa, trocava a sobrecasaca por um rodaque de linho branco e extendia-se n'uma cadeira de balanço, sob as arvores do jardim, á espera que o chamassem para a mesa. O cozido, o vinho virgem e os motivos da conversa entre os tres eram quasi sempre os mesmos. Depois do café, os dois compadres arramavam sobre as pernas o taboleiro do gamão e enfiavam partidas até ás dez e meia da noite, enquanto D. Maria se arranchava

lá fóra com as familias da vizinhança, fazendo roda á porta da chacara ou passeiando pelas aproximações da casa.

Manoel todavia não era casado com a sua companheira. Tendo, aos trinta annos, a recolhido como empregada para lhe tomar conta da casa, da despensa e das roupas brancas, deixou-se afinal entrar passivamente no inventario dessas cousas, e ella acabou por tomar conta tambem d'elle. Quando deram por si, estavam unidos pelas mais legitima ternúra e estavam conviventes no mais perfeito pé de igualmente.

D. Maria era honesta por indole, era sadia e limpa; o negociante sentiu-se bem ao lado della e deixou-se ficar.

Terminado o jantar, Manoel foi, como de costume, buscar o gamão; e assentados um defronte do outro, dispuzeram-se os dous amigos á pachorrenta campanha, trocando logo as primeiras facecias e as primeiras risadas de todas as suas innumeraveis partidas.

— Mas então, compadre, interrogou João, armando o jogo; afinal que me diz você do que fallei outro dia a respeito de D. Maria?... Está resolvido a...

— Ai mau! Já ahi vem você com a mania! Tardava-me essa cantiga! Ora para que lhe havia de dar!

— Mania não, homem de Deus! É tudo que ha de mais razoavel e de mais justo! D. Maria é

uma senhora séria... você não tenciona separar-se della... por que, pois, não se casam logo?... Seria mais bonito!

— Mas por que diabo hei de me eu casar, se somos felizes assim eomo vivemos ha treze para quatorzê annos?... Nunca até hoje nenhum de nós dois pensou em semelhante cousa... As nossas relações de amizade não podem ser mais limitadas e modestas. Ella não tem pretensões e eu, eá pelo meu lado, nada espero nem desejo fora do meu canto, onde vivo em boa paz, graças a Deus! Quando queremos sair, saímos! Vamos ao theatro! vamos ao Passeio Publico! vamos a toda a parte! Ninguem repara em nós! Por que então hei de eu agora tirar-me dos meus euidados e casar?!... Não m'ô dirá voeê?!...

— Seria mais bonito!...

— Ora deixe-se disso, compadre!

— É uma questão de moral!...

— Então, seu João, eu sou um homem immoral?... Porque?

— Não digo isso, mas...

— Se tivéssemos filhos, vá! Convenho que seria de vantagem o casamento... mas, se até hoje elles não vieram, é natural que nunca mais venham.

— Não, compadre, o seu casamento eom D. Maria não é só um acto de moralidade, é tambem um dever de gratidão e é um bom cumprimento de justiça! Pois então uma mulhier, uma senhora,

dedica-se durante quatorze annos a um homem, procedendo sempre com a mais severa honestidade, ajudando-o na vida, tratando d'elle, aturando-o emfim! e, ao cabo de todo esse tempo, elle se não resolve a fazer por ella um pouco mais do que no primeiro dia das suas relações!... Não! não é justo, seu compadre! Tenha paciencia, mas não é justo!

— Homem! Sabe de uma cousa? Não fallemos mais nisto! Você quando mette a cabeça para um lado não ha meio de tiral-o d'ahi!

— Pois não fallemos! não fallemos! O meu protesto, porém, fica de pé!

Não fallemos, não fallemos, mas no domingo seguinte, durante o joguinho, o compadre João Braz voltou a carga e accrescentou ás novas excusas do amigo :

— É! Nas suas condições dizem os homens geralmente a mesma cousa e afinal acabam sempre casando á ultima hora, quando a mulher está a despedir-se da vida e já nada aproveita por conseguinte com a tardia resolução do seu ingrato companheiro; ao passo que esse mesmo acto de justiça, praticado antes, em pleno gozo da existencia, seria honroso motivo de verdadeira felicidade para ella!

— Ora deixe-nos em paz, compadre! Deixe-nos viver como vamos vivendo e preste mais attenção ao jogo, se não prego-lhe um gamão cantado.

— Pois vivam, continuem a viver seguros pela mão esquerda, mas eu cá ficarei com o direito de revoltar-me, se um dia, em caso extremo, resolver-se você a coonestisar a sua união com D. Maria!

Manoel soprou com mais força e arregaçou as sobranceiras, dando silenciosa cópia de quanto fatigava aquella torturante catechese. E continuou a jogar sem dizer palavra.

O outro proseguiu, distrahido do jogo :

— Além disso, é que póde você morrer de um momento para outro, sem ter tido tempo de pôr em ordem os seus negocios, e a pobre senhora ficar para ahi desamparada no mundo! Você tem parentes em Portugal, até irmãos se me não engano, pois saiba então que, mesmo com testamento, esta casa e o que você possui no banco ha de tudo parar em poder delles, arriscando ficar D. Maria sem ter onde cair morta e precisando na velhice andar pelas esquinas a pedir por amor de Deus um bocado de pão para matar a fome! Vamos lá! Isto lhe parece justo, seu compadre?!

— Oh! Não diga isso, creatura, que você me aperta o coração! Ora já se viu?!

— Pois é cumprir com o seu dever, homem! Case-se por uma vez!

E, como D. Maria neesse momento entrava do passeio, o moralista levantou-se, deixando o taboleiro do gamão sobre as pernas do parceiro, e forte com ella, para lhe dizer á queima roupa :

— Estive até agora conversando com o compadre a seu respeito, D. Maria! Mas isto é um cabeçudo de marca! Pergunte-lhe pelo que lhe falei e ajude-me também pelo seu lado!

Manoel soltou uma gargalhada.

— Sabes tu qual é agora a mania do João?... disse elle, voltando-se para a companheira. É casar-nos! Ora já se viu para que lhe havia de dar?... E não me larga, o teimoso! Não me falla n'outra cousa!

— E não lhe parece que eu tenho razão? perguntou João Braz, dirigindo-se por sua vez a D. Maria, que os escutava immovel, sorrindo em silencio.

— Ah! respondeu ella com doçura. Eu estimaria... isso com certeza... Para que negar?... Casada sempre é outra cousa: Póde uma mulher andar de cabeça erguida e póde mandar em voz alta, porque manda no que é seu! Mas, cá por mim, em boa hora o diga! dou-me por muito feliz em ter Deus me chegado para um homem como seu compadre, e nada exijo nem reclamo, porque muito já é o que elle faz por mim e pelos meus!

— E não dóe a você a consciencia, seu Manoel, exclamou João Braz com a voz tragicamente commovida, extendendo o braço e derreando para um lado a cabeça. Não dóe a você a consciencia ao ouvir estas palavras, que são a expressão pura da virtude e da resignação?

— Pois bem! Pois bem! rosnou Manoel, quasi vencido. Havemos de ver! Havemos de ver!

— Não! replicou o outro energicamente: « Havemos de ver » é uma promessa de caloteiro! Você o que não quer, já sei, é incommodar-se, Pois eu me encarrego de tudo! Amanhã mesmo trato dos papeis. Está dito?

— Sim, sim! Veremos amanhã.

— Não! não! Já d'aqui não saio sem autorização para correr os banhos! Quando me metto n'uma cousa, é assim! O caso é estar convencido da justiça e da razão!

— Mas que desensoffrimento! Que sangria desatada! exclamou Manoel. Irra! Parece que você vae salvar o pae da forca!

— Nada, meu amigo! O que se tem de fazer, faz-se logo. — O pão endurece de um dia para outro! — E lá a senhora, D. Maria, ajude-me a arrastar este cgoista! Segure-o pelos hombros, que eu o seguro pelas pernas, e despejemos com elle do terraço a baixo, se não nos autorisar já e já a tratar amanhã mesmo dos papeis do casamento!

— Pois com um milhão de raios! vociferou afinal o perseguido, fugindo ao terrivel compadre, que por pilheria o agarrava já pelas pernas. Arranje! arranje você lá os papeis que quizer! arranje o diabo! mas deixe-me em paz e nunca mais me falle em semelhante cousa! Apre! Póde

gabar-se, meu caro, do que é um serrazina de primeira força! Nunca vi cousa igual!

— Ora bravo! applaudiu João, batendo palmas. Até que afinal você provou que é um homem de bem! Venha de lá este abraço! E, quanto á senhora, os meus parabens de amigo sincero! Amanhã mesmo trato dos papeis!

— Mas olhe lá, seu João... atalhou o outro, segurando-lhe o braço. Observo-lhe que não estou absolutamente disposto a prestar-me ao ridiculo nesta idade! Só consinto no casamento se este fôr cousa muito intima, muito em segredo, sem festas, sem convites e sem nada de barulho!

— Ó homem! voltou João Braz, o casamento faz-se de madrugada, um dia destes, na competente igreja, sem que ninguem tenha que metter lá o nariz! E depois ficam vocês casados e dignamente unidos para sempre! Podemos é jantar, nós os tres juntos esse dia; o que, para não alterar a praxe, bem póde ser n'um domingo. Hein? Que lhes parece?...

— Bom... Assim vá lá! cedeu Manoel.

— Fica então marcado para o domingo que vêm?...

— Pois marque lá para domingo! Irra!

E assim foi. No domingo seguinte Manoel levou D. Maria á igreja de sua freguezia e voltaram de lá marido e mulher, graças a João Braz que tinha tudo despachado, com uma expedição capaz de envergonhar ao mais activo agente de casamentos.

O jantar, já se vê, foi melhor nesse dia e regado mais copiosamente. D. Maria mandou matar perú e recebeu de mimo um leitão assado. Fez doees e comprou fructas e flôres. Manoel, á tarde, admirou-se de ver entrarem-lhe pela sala algumas vizinhas com trajos de festa, acompanhadas pelos parentes e não se pôde furtar a parabens e abraços, que lhe faziam torear o nariz.

— Aquelle compadre João Braz era o diabo! Afinal de contas tudo aquillo estava fóra do programma!

Manoel priniepiava a arrepender-se do que tinha feito e parecia já menos alegre que nos outros dias.

D. Maria, essa pelo contrario, estava radiante e mostrava-se mais empertigada, mais dona de casa. A mesa fallou aos convivas com um ar empantufado e senhoril, que ninguem, ainda menos Manoel, até ahí lhe eonhecera.

Comtudo, o bom homem, apesar de devéras contrariado por sair dos seus velhos habitos, não se queixou; e, mal terminados os fervorosos brindes da sobremesa, foi pachorrentamente busear o taboleiro do gamão e armou-o sobre os joelhos, no logar do costume, assentado defronte do victorioso compadre.

D. Maria acabava nesse instante de assomar á porta da sala, palitando os dentes. Ao ver o marido, que armava a primeira partida, exclamou:

— Tambem vocês são terriveis com esse infernal gamão! Oh! nem mesmo no dia de meu casa-

mento e com visitas aqui deixam o diabo do jogo!

E arrebatou das pernas dos dois parceiros o taboleiro, com os dados, as pedras e os copos de couro, que se espalharam pelo chão.

João Braz soltou uma risada, suppondo que aquillo era simples gracejo. Mas D. Maria acrescentou de cara fechada e com a voz dura :

— O senhores! Que diabo, deixem-se dessa semsaboria uma vez ao menos! Tenham um pouco em conta o dia de hoje!

E afastou-se, muito escamada, sacudindo os quadris e abanando-se com o leque.

Os dous compadres, assentados um defronte do outro, como se fossem agora jogar o sisudo, olharam-se, sem animo de preferir palavra.

E assim que se pilharam a sós, Manoel segredou ao amigo.

— Você viu, compadre! Você viu o panno da amostra?

João não respondeu e Manoel murmurou, sacudindo a cabeça :

— Póde ser que me engane, e Deus o queira! mas supponho que para sempre me fugiu de casa a tranquillidade!...

E tinha razão o pobre homem : taes cousas se foram succedendo em casa delle que Manoel, mezes depois, surgiu um dia no escriptorio do amigo, e atirou-se n'uma cadeira esbaforido de colera.

— Que houve de novo, compadre? que mais lhe aconteceu? perguntou o guarda-livros.

— Foi você quem se encarregou dos papeis para casar-nos, não é verdade? bramiu o negociante. Pois, meu amigo, trate agora dos papeis do divorcio, porque este que aqui está nunca mais porá os pés na casa em que estiver aquella furia! Nunca mais, ouviu!?

E aquelle homem, até ahi tão pachorrento, tinha agora uma catadura de tigre assanhado e dardejava ferozmente o guarda chuva, ameaçando quebrar os globos das arandelas do gaz.

— Arre! arre! berrava elle. Vá para o inferno e o diabo que á ature!

— Mas, compadre, reconsidere, escute! Você está fóra de si, homem!

— Não! berrou Manoel, esbugalhando os olhos e rilhando os queixaes. Não, com mil raios! Se me approximar daquelle demonio é para estrangulal-o! não volto á casa! não quero ser assassino!

— Mas o que mais houve, compadre?

— Que houve?! — E o infeliz soltou uma gargalhada satanica. — Que houve?! Vá lá á casa e veja o estado em que deixamos tudo! Vá ver!

NO MARANHÃO

NO MARANHÃO

Quando eu tinha treze annos, lá na provincia, uma das familias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já affastado do commercio a retalho, onde fizera o seu peculio, e casado com uma senhora brazileira, D. Marianna.

Tinham um casal de filhos : Luiz e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamavamos. Luiz era mais velho que a irmã apenas um anno e mais moço do que eu apenas mezes.

Fomos por bem dizer criados juntos, porque, quando não era eu que ia visital-os, eram elles dous que vinham passar o dia commigo.

Moravam na praia de Santo Antonio, num grande e bello sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do littoral da ilha do Maranhão, davam directamente para o mar.

O Cunha, além desta casa, que era de sua propriedade, tinha um sitio onde ia frequentemente passeiar com a familia.

Quasi sempre levavam-me tambem. O sitio chamava-se « Boa-Vinda » e ficava á margem do rio Anil, para além de Vinhaes. Embarcava-se no proprio quintal da casa.

Estes passeios a Boa-Vinda constituiam um dos maiores encantos da minha infancia. Criado á beira mar na minha ilha, eu adorava a agua; aos doze annos era já valente nadador, sabia governar um escaler ou uma canôa, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se deixava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumahuba pescador de piabas.

Sahiamos quasi sempre no segredo da primeira madrugada e chegavamos ao sitio ao repontar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que bellas manhãs frescas, deslisadas por entre os mangaes, sentindo-se rescender forte o odor salgado das marezias! E depois, lá no sitio, installados na varandã de telha vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de páo, de volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do cajú por grandes canecas de terra vermelha! E depois—toca a brincar! toca a correr por ahí afóra, em pleno matto, cabellos ao vento, corpo e coração á larga!

E, á tarde, depois do jantar, quando a natureza

principiava a cahir nos desfalecimentos chorosos do crepusculo, vinhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas que se acoitavam para dormir nas mattas proximas. Então, Luiz ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por elles, punha-me a cantar as modas mais bonitas de minha terra.

D. Marianna e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da innocencia.

A noite, emfim, mettiam-se de novo no balaio as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canôa, extendia-se por cima um vela de lona, em que nos assentavamos os tres, Luiz, a irmã e eu; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado; tres escravos encarregavam-se dos remos; e rebatiamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quasi triste a volta pela noite. D. Marianna começava a cabecear de somno; o Cunha punha-se a fallar comnosco sobre as nossas obrigações de aula no dia seguinte; Luiz em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã; e eu esticava-me sobre a lona, de rosto para o ceu, a olhar as estrellas.

Uma noite voltavamos do sitio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vae espalhando pelo

caminho adeante brancos phantasmas que soluçam correndo pelas aguas, surgindo e desaparecendo com as suas mortalhas de prata, n'uma agonia de morte, como se fossem as almas afflictas dos afogados.

Tinhamos já passado Vinhaes havia muito e iam agora deixando atraz de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Marianna toscanejava como de costume, recostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão; Rosinha, com um braço fóra da canôa, brincava pensativa, com as pontas dos dedos na orla phosphorescente que se fazia nas aguas a cada rumorosa braceagem dos remos; Luiz cantarolava distrahido; e o velho Cunha, vergado sobre o braço do leme, com o seu grande chapéo de carnhuba derreado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que iam percorrendo, como se a belleza daquella noite do Norte e a solidão d'aquelle formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espirito burguez, fazendo o milagre de arrebatá-lo para um devaneio contemplativo e poetico.

Qual! No fim de longo recolhimento, quando passavamos em certa altura do rio, disse-me elle com um suspiro de lastima :

— Que desperdicio de dinheiro e quanta incuria vac por aqui!... Vês aquellas ruinas cobertas de matto? aquillo foi principiado ha bem quarenta

annos para um grande armazem de alfandega... nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do caes da Sagração e do dique das Mercês! Que gente!

E eu puz-me a considerar as ruínas, que pareciam crescer á luz do luar; e o Cunha, possuido de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes aguas do Anil a sua cansada indignação contra os maldictos presidentes de provincia, que tão mal cuidavam da nossa pobre e querida capital.

E, á marcha monotona e vagarosa da canôa, ia-se desdobrando lentamente ao lado de nós todo o flanco alcançado da cidade.

Surgiu á distancia o largo dos Remedios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros.

Ouvia-se já um rumor tristonho de casuarinas. — Está alli! exclamou o Cunha, extendendo o braço para o lado de terra. Para que esbanjar dinheiro com uma estatua daquella ordem, quando ha por ahi tanta cousa de necessidade séria de que se não cuida?...

Olhei na direcção que o Cunha indicava e vi a estatua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remedios, toda branca, muito alta, riste ao luar como a solitaria columna de um tumulto.

Não achei animo nem palavras para protestar contra o que dizia o velho Cunha. De Gonçalves

Dias sabia apenas que fôra um poeta infeliz e nada mais.

— É! rosnou o pobre homem. Para o luxo de encarapitar aquelle grande boneco no tope daquelle immenso canudo de marmore — houve dinheiro! E dinheiro grosso! Todo o povo do Maranhão concorreu! Ao passo que para concluir o trapiche de Campos Mello, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo commercio, não appareceu ainda quem se mexesse? Sucia de doudos! Isto é uma cousa tão revoltante que eu confesso, chego quasi a arrepende-me de me ter naturalisado!

Tornei a olhar para a estatua e, não sei porque, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre o meu espirito de criança. Pungia-me aquillo até como uma blasphemia cuspada sobre uma imagem sagrada. Lá em casa de minha familia todos veneravam a memoria do nosso poeta, e na escola onde eu aprendia a escrever a lingua portugueza o meu proprio mestre lhe chamava a elle mestre.

No emtanto não oppuz uma palavra de defeza; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedrá, que na sua mudez gloriosa encara aquelle mesmo mar que serviu de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, achei-lhe o ar tão tranquillo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que balbuciei para este, timidamente:

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquella estatua, é porque elle naturalmente a mereceu, coitado!

— Mereceu?! Porque?! O que foi que elle fez?... « Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorgem não gorgem como lá. »?! Está ahi o que elle fez! Fez versos!

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de furia contra a loucura dos homens, que levantavam estatuas a poetas em vez de cuidar dos trapiches que o commercio a retalho reclamava.

Nesse instante a canôa deslisava justamente por defronte do largo dos Remedios.

A lua, perdida e só no meio do ceu luminoso, banhava no seu mysterioso effluvio a immovel e branca figura de marmore.

E Rosinha, que não prestara attenção á nossa conversa, abriu a cantar, com a sua voz crystalina de donzella, uma das cantigas mais populares do Brazil :

« Se queres saber os meios
 Porque ás vezes me arrebatá
 Nas azas do pensamento
 A poesia tão grata;
 Porque vejo nos meus sonhos
 Tantos anginhos dos ceus,
 Vem commigo, oh doce amada!
 Que eu te direi os caminhos
 Donde se enchem os anginhos,
 Donde se trata com Deus.

E aquella menina, na sua virginal singeleza,

estava desaffrontando Gonçalves Dias, porque são delle os versos que ella ia cantando aos pés da sua estatua, innocentemente; rendendo, sem saber, enquanto o pae o amaldiçoava, o maior preito que se póde render a um poeta : repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

Não sou supersticioso, nem o era nesse tempo, apesar dos meus treze annos, mas quiz parecer-me que naquelle momento a estatua sorriu.

Effeitos do luar, naturalmente.

FORA DE HORAS

FORA DE HORAS.

Ora! Para que lhes hei de contar isto? Historias do Norte! Historias de amor! Cousas que não voltam mais!

Era a ultima vez que eu ia ter com ella, e seria menos uma entrevista de amor do que um encontro de despedida; meus labios presentiam já ligeiro travor de lagrima nos beijos que sonhavam pelo caminho.

Fui. Ella me esperava á meia-noite, como de costume, espreitando por detraz da porta cerrada, descalça e palpitante de anciedade e de susto. Eu costumava chegar furtivamente, cosendo-me á propria sombra pelas paredes da rua. Entrava; a porta fechava-se então de todo, surdamente, e nós ficavamos sendo um do outro até exgotar-se a noite. Ninguem desconfiava da nossa felicidade.

Vivia a minha amada em companhia de uma

parenta velha, sua madrinha, viuva e rica, senhora de engenho, dona austera e veneravel, devota até ao fanatismo. A madrinha idolatrava-a loucamente. A casa era grande, antiga e nobre, povoada de aggregados, de mucambas e muitos famulos. Para chegar ao quarto da afilhada era preciso atravessarmos, eu e ella, de mãos dadas, na escuridão, longos corredores e varandas; com o calcanhar no ar, a respiração suspensa, os sapatos fóra. Mas que premio era ganhar o fim dessa jornada afflictiva e tenebrosa! A alcova lá no fundo, isolada do resto da casa, dava janellas sobre um jardim de arvores floriferas, todo cercado de altos muros de convento e todo envolvido no doce mysterio de uma fortaleza de amor.

Que delicia contemplar da altura das janellas silenciosas o céu todo orvalhado de estrellas, e beber o segredo da noite; cinturas presas, cabeças juntas, cabellos confundidos.

Ella não tinha mãe desde o berço e fôra criada pela madrinha. Casára aos quinze annos e enviuvára aos dezoito. A nossa loucura principiou no calor das valsas e foi-se derramando n'um delirio de mocidade até áquella perfumada alcova, onde a nossa ultima madrugada recolheu no seio o echo dos nossos derradeiros beijos.

A madrinha não me podia ver.

Resentimentos de devota : Eu nesse tempo, com pouco mais de vinte annos, suppunha-me um batalhador predestinado a regenerar o mundo a

golpes desapiedados contra as velhas instituições ; tinha o meu jornal republicano e acatholico e due-lava-me, dia a dia, ferozmente, com os redactores de um orgão ultramontano e com os velhos jornalistas conservadores. Imaginem se a velha me podia ver !

Era por toda a cidade apontado a dedo ; amado pela metade da população e amaldiçoado pela outra. Os devotos enfureciam-se commigo e os padres pediam ao diabo que me carregasse para longe da minha provincia.

Ouviu-os o demo. Tive de partir para o Rio de Janeiro. E foi nas ultimas horas percursoras desse triste dia que os mais amorosos labios de mulher gemeram contra os meus a dolorosa cavatina per-cursora da saudade.

Ai ! quantas lagrimas nos ensoparam os beijos e quantos soluços nos cortaram os juramentos de fidelidade ! Só resolvemos separar-nos quando o horizonte já nos ameaçava com a aurora. E lentamente nos affastámos do nosso paraíso, mais tristes e mais mudos que os dous primeiros amantes enxotados sobre a terra. Ao meu lado ella caminhava quasi tão núa e certamente mais commo-vida e chorosa do que a primeira Eva.

— Espera ! Espera ainda um instante, meu querido amor ! supplicava-me entre beijos desesperançados, na occasião de abrirmos a porta da rua. Espera ! Diz-me um negro presentimento

que nunca mais nos veremos ! Espera ainda ! um instante só !

Mas era preciso separar-nos. O dia não tardaria a repontar e eu tinha de estar ao lado de minha familia ao amanhecer. O vapor largaria cedo. Os amigos viriam buscar-me logo pela manhã. Era preciso ir !

— Adeus ! Adeus !

E arranquei-me dos seus braços, enquanto desfallecida e soluçante, ella se amparava contra a parede do corredor. E, para não succumbir tambem, tratei de apressar a fuga e precipitei-me sobre a porta da rua.

Mas, que horror ! a chave já lá não estava na fechadura. Alguem de casa tinha carregado com ella.

— Ah ! Foi Dindinha com certeza, disse dolorosamente a minha pobre amada. Meu Deus ! meu Deus !

E quasi sem poder andar, de tão nervosa e tremula, voltou ao interior da casa e tornou a ter commigo, para me segredar aterrada que havia luz no quarto da madrinha.

— Descobriu tudo ! Descobriu tudo ! murmurou afflicta. Fechou-nos ! Estamos presos ! Estamos perdidos !

— E agora ?... perguntei, devéras agitado, lembrando-me da monastica altura dos muros do jardim.

— Não sei! Não sei! foi a única resposta que lhe obtive.

Tornámos á alcova, mais tristes e mais lentos do que de lá saímos. A idéa da nossa separação não nos acabrunhava mais do que a de ficarmos juntos á força. Se me doia abandonar aquelle doce paraíso de amor, não me atormentava menos ter de ficar lá dentro prisioneiro.

E ella, perplexa, chorava, chorava, apertando a cabeça entre os formosos braços, n'uma angustia sem esperança de salvação. Urgia, porém, tomar qualquer partido decisivo : o dia estava a chegar e eu não podia amanhecer alli, tendo deseguir para o Rio de Janeiro e embarcar dentro de poucas horas!

Afinal, a minha companheira de agonia muniu-se de coragem e foi bater de leve, muito de leve, no quarto da madrinha.

Silencio.

Tornou a bater.

Bateu terceira vez.

— Quem está ahi?

— Sou eu, Dindinha. Abra por favor...

— Que quer a senhora a estas horas?

— Nada, Dindinha... Eu queria a chave da porta da rua....

— Para que?

— Não me pergunte, Dindinha, por amor de Deus! e dê-me a chave... Peço-lhe por tudo que Dindinha mais deseja no mundo!...

- Não dou!
- Minha Dindinha...
- Não! não!
- Abra a sua porta ao menos...

E esta supplica foi já toda embebida de lagrimas e soluços.

A velha veio á porta e eu então pude espiar lá para dentro. Era um pequeno aposento, bem arrumado e limpo. Havia uma commoda com um oratório, onde luzia uma lampada que era unica a illuminar o honesto e tranquillo dormitorio. Pelas paredes aprumavam-se quadros de santos, contrastando com o retrato a oleo de um tenente de cavallaria, mal pintado, mas de olhinhos vivos e que parecia sorrir lá da sua moldura para a viuvinha, com o ar escarninho assim de quem diz: « Tu então, pequena, fizeste a tua falcatrua e foste apanhada, hein?... Pois é bem feito! »

A velha, assentada de novo na sua rede, conservava a physionomia fechada e parecia implacavel.

A afilhada, procurando esconder nos braços nús a peccadora nudez do colo, desfazia-se em lagrimas e nellas repisava as suas supplicas, jurando que nunca mais, nunca mais! por tudo que houvesse de sagrado! reincidiria naquella feia culpa!

- Não!
- Tenha pena de mim, Dindinha!...
- Quem é que estava ahí com a senhora?!

A moça calou-se, de olhos baixos, arfando-lhe por sob a cambráia da camisa os seios atormentados.

— Diz ou não diz ? !

— É... é... Para que Dindinha quer saber ?... Dindinha vai ficar zangada se eu disser...

— Diga quem é !

— Dindinha saberá depois...

— Pois então retire-se já d'aqui ! Saia da minha presença !

— Não... Não... Eu digo... É...

E ouvi o meu nome balbuciado a medo no ouvido da velha.

Um charuto acceso, que lhe mettessem pela orelha, não lhe produziria tanto effeito.

A devota teve um frouxo de tosse convulsa.

— Com effeito ! rosnou afinal, contendo a custo uma explosão de colera. Com effeito ! Pois é esse alma perdida, esse atheu, esse monstro, que a senhora introduziu velhacamente em minha casa ? !

— Tenha paciencia, Dindinha... Elle parte esta manhã mesmo para o Rio de Janeiro...

— Paciencia ? !... É boa ! Esse herege ha de ficar aqui preso e só sairá com alto dia e na presença do senhor vigario geral e dos padres da Sé, a quem vou chamar ! o publico ha de ver e apreciar o escandalo, para vergonha sua e para castigo delle ! Paciencia ? ! Sim hei de ter paciencia, mas será para desmascarar aquelle pedreiro livre !

A velha tinha chegado ao auge da colera e já fallava em voz alta.

Vi o caso perdido.

E a minha pobre cúmplice, de pé ao lado da rede, descalça e apenas resguardada pela tremula camisa, abaixou ainda mais o rosto e deixou que as suas perdidas lagrimas lhe corressem ao suspirado resfolegar do peito.

A velha conservava-se inflexivel. Mas a afilhada chegou-se mais para junto della e pousando carinhosamente uma das mãos nos punhos da rede, começou a embalal-a de leve, e começou a murmurar n'um flebil queixume resentido :

— Dindinha entretanto não devia fazer assim commigo... Dindinha bem sabe o muito que lhe quero e o muito que a respeito... Mas Dindinha devia lembrar se de que enviuei com dezoito annos e tenho apenas vinte... Devia lembrar se de que sou moça e que o rapaz a quem amo não póde sequer approximar-se de Dindinha...

— Confiada !

—... Devia lembrar-se que... certa noite... (e abaixou mais a voz) quando eu era ainda pequenina e dormia no mesmo quarto com Dindinha... já depois que meu padrinho se separou de voscê... o tenente Ferraz, que alli está pintado na parede, saltou a janella do nosso quarto e Dindinha o recebeu nos braços, depois de ter ido verificar se eu estava dormindo...

— Cala-te, doida !

— Eu estava bem acordada, mas fiquei quietinha na minha rede, fingindo que dormia, só para ser agradável a Dindinha... e ouvi todas as palavras de ternura que o tenente disse ao ouvido da Dindinha... E nunca falei disto a ninguém... Ouvi tudo! Por signal que o tenente dizia : « Eu te amo, minha flôr! Eu te amo como um louco! Se quizeres que... »

Mas a velha interrompeu-a.

— Cala-te! Cala-te! disse.

A sua physionomia tinha pouco a pouco se transformado com as palavras da afilhada e ia ganhando um triste e compassivo ar de desconsolação. Os olhos relentaram-se-lhe de saudade com aquelle frio recordar do passado.

Quando a rapariga quiz continuar as suas revelações, ella interrompeu-a de novo com um fundo suspiro e accrescentou com a voz quebrada pela commoção :

— Cala-te, minha filha!... Ahi tens a chave... Abre-lhe a porta... Vae! vae, antes que amanha... E deixa-me só! deixa-me ficar só!

INVEJA

INVEJA

Era uma rica tarde de Novembro. O sol acabava de retirar-se n'aquelle instante, mas a terra, toda enrubecida, palpitava ainda com o calor dos seus ultimos beijos.

O ceu, vermelho e quente, debruçava-se sobre ella, envolvendo-a num longo abraço voluptuoso; de todos os lados ouvia-se o lamentoso estridular das cigarras, e as arvores concentravam-se, murmurando, em extasis, como se rezassem a oração do crepusculo.

Aquella hora de recolhimento e de amor a natureza parecia commovida.

A noite abria lentamente no espaço as suas azas de paz, humidas de orvalho, prenes de estrellas que ainda mal se denunciavam numa palpitação diffusa. Uma boiada recolhia ao longe, abeberando nos charcos do caminho, e bois tran-

quillos levantavam a cabeça, com a bocca escorrendo em fios de prata, e enchiam a solidão das clareiras com a prolongada tristeza dos seus mugidos. Num quintal, entre uma nuvem de pombos, uma rapariga apanhava da corda a roupa lavada que estivera a seccar durante o dia; enquanto um homem, em mangas de camisa, passava pela estrada, cantando, de ferramenta ao hombro. De cada casa vinha um rumor alegre de familia que se reúne para jantar, e, junto com latidos de cães e chôros de criança, ouvia-se o contente palavrear dos trabalhadores em descanso, ao lado da mulher e dos filhos.

Entretanto, um padre ainda moço, depois de passeiar silenciosamente á sombra das arvores, foi assentar-se, triste e preocupado, nos restos de uma fonte de pedra, cuja pobreza as hervas disfarçavam com a opulencia da sua folhagem viçosa e florida. E ahí ficou a scismar, perdido num profundo enlevo, como se o ardente perfume daquella tarde de verão fôra forte de mais para a sua pobre alma enferma de homem casto.

Estranhos e indefinidos desejos levantavam-se dentro d'elle, pedindo confortos de uma felicidade que lhe não pertencia e levando-o a cobiçar uma doce existencia desconhecida, que seu coração magoado e resentido mal se animava de sonhar por instincto.

E, assim, vinham-lhe á memoria, com uma reminiscencia dolorosa, todas as suas aspirações

da infancia. Ah! nesse tempo, quanta esperança no futuro!... Quanta innocencia nas suas aspirações!... Quanta confiança em tudo que é da terra e em tudo que é do céu!... Nesse tempo não conhecia elle a luta dos homens contra os homens; não conhecia as guerras da inveja e as guerras da vaidade; não conhecia as humilhantes necessidades deste mundo; não conhecia ainda a responsabilidade da sua vida e não sabia como é quanto dóe ambicionar muito e nada conseguir. Ah! nesse tempo feliz, elle era expansivo e risonho. Nesse tempo elle era bom.

Mas, continuou a pensar, cruzando sobre o fundo estomago as mãos finas e descoradas, enteraram-me numa casa abominavel, para ser padre. Deram-me depois uma mortalha negra e disseram-me: « Estuda, medita, reza, e faze-te um santo! Es moço? Pois bem! quando o sangue, em ondas de fogo, subir-te á cabeça e quizer estrangular os teus votos, agarra aquelle cilicio e fustiga com elle o corpo! quando vires uma mulher, cujo olhar, humido e casto, te faça sonhar os deslumbramentos do amor, bate com os punhos cerrados contra o teu peito e alanha tua carne com as unhas, até que sangres de todo o veneno da tua mocidade! Fecha-te ao prazer e á ternura, fecha-te dentro da tua fé, como se te fechasses dentro de um tumulto!

E, com estas recordações, o infeliz quedára-se esquecido, a olhar cégamente para a paizagem

que defronte delle ia pouco e pouco se esfumando e esbatendo nos crepes da noite ; ao passo que no ceu as estrellas se accendiam.

Desde que o destinaram a padre, sentia-se arrastado para a tristeza e para a solidão ; aehava certo goso amargo em deixar-se consumir pela aspera certeza da sua inutilidade physica. Não queria a convivencia dos outros homens, porque todos tinham e destructavam aquillo que lhe era vedado — o amor, a alegria, a doce consolação da familia. O que elle desejava do fundo do seu desgosto era morrer, morrer logo ou quando menos envelhecer quanto antes ; ficar feio, aca-bado, impotente ; que o seu cabello de preto e lustroso se tornasse todo branco ; que o seu olhar arrefecesse ; que os seus dentes amarellassem e a sua frente se abrisse em rugas. Descjava refugiar-se covardemente na velhiçe como num abrigo seguro contra as paixões mundanas.

Soffria impetos de arranear aquelle seu coração importuno e esmagal-o debaixo dos pés. Não se sentia capaz de domar a matilha que lhe rosnavo no sangue ; sobresaltava-se com a idéa de succumbir a uma revolta mais forte dos nervos, e só a lembrança de que seria capaz de uma paixão sensual sacudia-o todo com um frio tremor de febre.

— Todavia... replicou-lhe do intimo da consciencia uma voz meiga, medrosa, quasi impereceptivel — todavia, o amor deve ser bem bom!...

E dous fios compridos escorreram pelas faces pallidas do padre.

Nisto, o canto de um passarinho fel-o olhar para cima. Na embalsamada cupola de verdura que cobria a fonte o innocente intruso trinava ao lado da sua companheira.

O moço estremeceu e ficou a olhar fixamente para elles. Os dous velhaquinhos, descuidosos na sua felicidade, conservavam-se muito unidos, como se estivessem cochichando segredos de amor. A femea estendia a cabeça ao amigo e, enquanto este lhe ordenava as pennas com o bico, ella, num arrepio, contrahia-se toda, com as azas levemente abertas e tremulas. Depois, uniram-se ainda mais; prostrados logo pelo mesmo entorpecimento.

Então, o joven ecclesiastico, tomado de uma vertigem, levantou o guarda-chuva e com uma pancada lançou por terra o amoroso par.

Os pobresitos, ainda palpitantes de amor, cahiram, estrebuchando a seus pés.

O padre voltou o rosto e affastou-se silenciosamente.

No horizonte esbatia-se a ultima restea de sol e o sino de uma torre distante começou a soluçar Ave Maria.

DEMONIOS

DEMONIOS

O meu quarto de rapaz solteiro era bem no alto; um mirante isolado, por cima do terceiro andar de uma grande e sombria casa de pensão da rua do Riachuelo, com uma larga varanda de duas portas, aberta contra o nascente, e meia dúzia de janellas desaffrontadas, que davam para os outros pontos, dominando os telhados da vizinhança.

Um pobre quarto, mas uma vista esplendida! Da varanda, em que eu tinha as minhas queridas violetas, as minhas begonias e os meus tinhorões, unicos companheiros animados d'aquelle meu isolamento e d'aquella minha triste vida de escriptor, descortinava-se amplamente, nas encantadoras nuanças da perspectiva, uma grande parte da cidade, que se extendia por ali afóra, com a sua pittoresca accumulacão de arvores e telhados, pal-

mciras e chaminés, torres de egreja e perfis de montanhas tortuosas, d'onde o sol, atravez da atmosphera, tirava, nos seus sonhos doirados, os mais bellos effeitos de luz. Os morros, mais perto, mais longe, erguiam-se alegres e verdejantes, ponteados de casinhas brancas, e lá se iam desdobrando, a fazer-se cada vez mais azues e vaporosos, até que se perdiam de todo, muito além, nos segredos do horisonte, confundidos com as nuvens, n'uma só coloroção de tintas ideaes e castas.

Meu prazer cra trabalhar ahi, de manhã bem cedo, depois do café, olhando tudo aquillo pelas janellas abertas defronte da minha velha e singela mesa de carvalho, bebendo pelos olhos a alma d'essa natureza innocente e namorada, que me sorria, sem fatigar-me jamais o espirito, com a sua graça ingenua e com a sua virgindade sensual.

E ninguem me viesse fallar em quadros e estatuetas; não! queria as paredes núas, totalmente núas, e os moveis sem adornos, porque a arte me parecia mesquinha e banal em confronto com aquella fascinadora realidade, tão simples, tão desprezenciosa, mas tão rica e tão completa.

O unico desenho que eu conservava á vista, pendurado á cabeccira da cama, era um retrato de Laura, minha noiva promettida, e esse feito por mim mesmo, a pastel, representando-a com a roupa de andar em casa, o pescoço nú e o ca-

bello preso ao alto da cabeça por um laço de fita côr de rosa.

Quasi nunca trabalhava á noite; ás vezes, porém, quando me succedia acordar fóra de horas, sem vontade de continuar a dormir, ia para a mesa e esperava lendo ou escrevendo que amanhecesse.

Uma occasião acordei assim, mas sem consciencia de nada, como se viesse de um desses longos somnôs de docnte a decidir; desses profundos e silenciosos, em que não ha sonhos, e dos quaes, ou se desperta victorioso para entrar em ampla convalescença, ou se sae apenas um instante para mergulhar logo nesse outro somno, ainda mais profundo, donde nunca mais se volta.

Olhei em torno de mim, admirado do longo espaço que me separava da vida e, logo que me senti mais senhor das minhas faculdades, estranhei não perceber o dia atravez das cortinas do quarto, e não ouvir, como de costume, pipilarem as cambachilras defronte das janellas por cima dos telhados.

— É que naturalmente ainda não amanheceu. Tambem não deve tardar muito... calculei, saltando da cama e enfiando o roupão de banho, disposto a esperar sua alteza o sol, assentado á varanda a fumar um cigarro.

Entretanto, cousa singular! parecia-me ter dormido em demasia; ter dormido muito mais da minha conta habitual. Sentia-me extranhamente farto de somno; tinha a impressão lassa de quem passou da sua hora de acordar e foi entrando, a dormir, pelo dia e pela tarde, como só nos acontece depois de uma grande extenuação nervosa ou tendo anteriormente perdido muitas noites seguidas.

Ora, commigo não havia razão para semelhante cousa, porque, justamente n aquelles ultimos tempos, desde que estava noivo, recolhia-me sempre cedo e cedo me deitava. Ainda na vespera, lembro-me bem, depois do jantar sahira apenas a dar um pequeno passeio, fizera á familia de Laura a minha visita de todos os dias, e ás dez horas já estava de volta, extendido na cama, com um livro aberto sobre o peito, a bocejar. Não passariam de onze e meia quando peguei no somno.

Sim! não havia duvida que era bem singular não ter amanhecido!... pensei, indo abrir uma das janellas da varanda.

Qual não foi, porém, a minha decepção quando, interrogando o nascente, dei com elle ainda completamente fechado e negro, e, abaixando o olhar, vi a cidade afogada em trevas e succumbida no mais profundo silencio!

Oh! Era singular, muito singular!

No céu as estrellas pareciam amortecidas, de um bruxolear diffuso e pallido; nas ruas os lam-

peões mal se accusavam por longas reticencias de uma luz deslavada e triste. Nenhum operario passava para o trabalho; não se ouvia o cantarolar de um ebrio, o rodar de um carro, nem o ladrar de um cão.

Singular! muito singular!

Accendi a véla e corri ao meu relógio de algibeira. Marcava meia-noite. Levei-o ao ouvido, com a avidez de quem consulta o coração de um moribundo; já não pulsava: tinha exgotado toda a corda. Fil-o começar a trabalhar de novo, mas as suas pulsações eram tão fracas, que só com extrema difficuldade conseguia eu distinguil-as.

— É singular! muito singular! repetia, calculando que, se o relógio exgotara toda a corda, era porque eu então havia dormido muito mais ainda do que suppunha! eu então atravessára um dia inteiro sem acordar e entrára do mesmo modo pela noite seguinte.

Mas, afinal que horas seriam?...

Tornei á varanda, para consultar de novo aquella extranha noite, em que as estrellas desmaiavam antes de chegar a aurora. E a noite nada me respondeu, fechada no seu egoismo surdo e tenebroso.

Que horas seriam?... Se eu ouvisse algum relógio da vizinhança!... Ouvir?... Mas se em torno de mim tudo parecia entorpecido e morto?...

E veio-me a duvida de que eu tivesse perdido a faculdade de ouvir durante aquelle maldicto

somno de tantas horas; fulminado por esta idéa, precipitei-me sobre o tympano da mesa e vibrei-o com toda a força.

O som fez-se, porém abafado e lento, como se lutasse com grande resistencia para vencer o peso do ar.

E só então notei que a luz da véla, á semelhança do som do tympano, tambem não era intensa e clara como de ordinario e parecia opprimida por uma atmospherá de eataeumba.

Que significaria isto?... que extranho eataclysmo abalaria o mundo?... Que teria acontecido de tão transcendente durante aquella minha auseneia da vida, para que eu, á volta, viesse encontrar o som e a luz, as duas expressões mais impressionadoras do mundo physico, assim tropegas e assim vacillantes, nem que toda a natureza envelhecesse maravilhosamente enquanto eu tinha os olhos fechados e o cerebro em repouso?!...

— Ilusão minha, com certeza! que louca és tu, minha pobre phantasia! D'aqui a nada estará amanhecendo, e todos estes teus caprichos, teus ou da noite, essa outra doida, desapparecerão aos primeiros raios do sol. O melhor é trabalharmos! Sinto-me até bem disposto para escrever! Trabalhemos! trabalhemos, que d'aqui a pouco tudo reviverá como nos outros dias! de novo os valles e as montanhas se farão esmeraldinas e alegres; e o eéo transbordará da sua refulgente eoncha de turqueza a opulencia das eôres e das luzes; e de

novó ondulará no espaço a musica dos ventos; e as aves acordarão as rosas dos campos com os seus melodiosos duettos de amor! Trabalhemos! Trabalhemos!

Accendi mais duas vélas, porque só com a primeira quasi que me era impossivel enxergar; arrangei-me ao lavatorio; fiz uma chicara de café bem forte, tomei-a, e fui para a mesa de trabalho.

II

D'ahi a um instante, vergado defronte do tinteiro, com o cigarro fumegando entre os dedos, não pensava absolutamente em mais nada, senão no que o bico da minha penna ia desfiando caprichoso do meu cerebro para lançar, linha a linha, sobre o papel.

Estava de veia, com effeito! As primeiras folhas encheram-se logo. Minha mão, a principio lenta, começou, pouco a pouco, a fazer-se nervosa, a não querer parar, e afinal abriu a correr, a correr, cada vez mais depressa; disparando por fim ás cegas, como um cavallo que se esquentá e se inflamma na vertigem do galope. Depois, tal febre de concepção se apoderou de mim, que perdi a consciencia de tudo e deixei-me arrebatado por ella, arquejante e sem folego, n'um vôo febril, n'um

arranco violento, que me levava de rastros pelo deal aos tropeções com as minhas doidas phantasias de poeta.

E paginas e paginas se succederam. E as idéas, que nem um bando de demonios, viuham-me em borbotão, devorando-se umas ás outras, n'um delirio de chegar primeiro; e as phrases e as imagens acudiam-me como relampagos, fuzilando, já promptas e armadas da cabeça aos pés. E eu, sem tempo de molhar a penna, nem tempo de desviar os olhos do campo da peleja; ia arremecendo para traz de mim, uma após outra, as tiras escriptas, suando, arfando, succumbido nas garras d'aquelle feroz inimigo que me aniquilava.

E lutei! e lutei! e lutei!

De repente, accordo d'esta vertigem, como se voltasse de um pesadelo estonteado, com o sobresalto de quem, por uma briga de momento, se esquece do grande perigo que o espera. Dei um salto da cadeira; varri inquieto o olhar em de redor. Ao lado da minha mesa havia um monte de folhas de papel cobertas de tinta; as vélas bruxulcavam a extinguir-se e o meu cinzeiro estava pejado de pontas de cigarro.

Oh! muitas horas deviam ter decorrido durante essa minha nova ausencia, na qual o somno agora não fôra cúmplice. Parecia-me impossivel haver trabalhado tanto, sem dar o menor accordo, do que se passava em torno de mim.

Corri á janella.

Meu Deus! o nascente continuava fechado e negro; a cidade deserta e muda. As estrellas tinham empallidecido ainda mais, e as luzes dos lampeões transpareciam apenas, atravez da espessura da noite, como sinistros olhos que me piscavam da tréva.

Meu Deus! meu Deus, que teria acontecido?!...

Accendi novas vélas, e notei que as suas chamas crãm mais lividas que o fogo fatuo das sepulturas. Concheei a mão contra o ouvido e fiquei longo tempo a esperar inutilmente que do profundo e gelado silencio lá de fóra me viesse um signal de vida.

Nada! Nada!

Fui á varanda; apalpei as minhas queridas plantas; estavam fanadas, e as suas tristes folhas pendiam mollemente para fóra dos vasos, como embambedidos membros de um cadaver ainda quente. Debrucei-me sobre as minhas extremcidas violetas e procurei respirar-lhes a alma embalsamada. Já não tinham perfume!

Attonito e ancioso volvi os olhos para o espaço. As estrellas, já sem contornos, derramavam-se na tinta negra do céu, como indecísas nodoas luminosas que fugiam lentamente.

Meu Deus! meu Deus, que iria acontecer ainda?

Voltei ao quarto e consultei o relógio. Marcava dez horas.

Oh! Pois já dez horas se tinham passado depois que eu abrira os olhos?... Porque então não

amanhecera em todo esse tempo!... Teria eu enlouquecido?...

Já trémulo, apanhei do chão as folhas de papel, uma por uma; eram muitas, muitas! E por melhor esforço que fizesse, não conseguia lembrar-me do que eu proprio n'ellas escrevera.

Apalpei as fontes; latejavam. Passei as mãos pelos olhos, depois consultei o coração; batia forte.

E só então notei que estava eom muita fome e estava com muita sêde.

Tomei a bilha d'agua e exgotei-a de uma assentada. Assanhou-se-me a fome.

Abri todas as janellas do quarto, em seguida a porta, e ehamei pelo criado. Mas a minha voz, apezar do esforço que fiz para gritar, sahia frouxa e abafada, quasi indistinguivel.

Ninguem me respondeu, nem mesmo o eeho.

Meu Deus! Meu Deus!

E um violento calafrio pereorreu-me o eorpo. Prineipiei a ter medo de tudo; principiei a não querer saber o que se tinha passado em torno de mim durante aquelle maldicto somno traçoeiro; desejei não pensar, não sentir, não ter eonseiencia de nada. O meu cerebro, todavia, continuava a trabalhar com a precisão do meu relógio, que ia desfiando os segundos inalteravelmente, enehendo minutos e formando horas.

E o ceu era cada vez mais negro, e as estrellas eada vez mais apagadas, eomo derradeiros e tristes

lampejos de uma pobre natureza que morre!

Meu Deus! meu Deus! o que seria?

Enchi-me de coragem; tomei uma das vélas e, com mil precauções para impedir que ella se apagasse, desci o primeiro lance de escadas.

A casa tinha muitos commodos e poucos desocupados. Eu conhecia quasi todos os hospedes. No segundo andar morava um medico; resolvi bater de preferencia á porta d'elle.

Fui e bati; mas ninguem me respondeu.

Bati mais forte. Ainda nada.

Bati então desesperadamente, com as mãos e com os pés. A porta tremia, abalava, mas nem o echo respondia.

Metti hombros contra ella e arrombei-a. O mesmo silencio. Espichei o pescoço, espiei lá para dentro. Nada consegui vêr; a luz da minha véla illuminava menos que a braza de um cigarro.

Esperei um instante.

Ainda nada.

Entrei.

III

O medico estava extendido na sua cama, embrulhado no lençol. Tinha contrahida a bocca e os olhos meio abertos.

Chamei-o; segurei-lhe o braço com violencia

e recuei aterrado, porque lhe senti o corpo rígido e frio. Approximei, tremulo, a minha véla contra o seu rosto immovel; elle não abriu os olhos; não fez o menor gesto. E na pallidez das faces notei-lhe as manchas esverdeadas de carne que vae entrar em decomposição.

Affastei-me.

E o meu terror cresceu. E apoderou-se de mim o medo do incomprehensivel; o medo do que se não explica; o medo do que se não acredita. E sahí do quarto, querendo pedir soccorro, sem conseguir ter voz para gritar e apenas resbunando uns vagidos gutturaes de agonisante.

E corri aos outros quartos; e já sem bater fui arrombando as portas que encontrei fechadas. A luz da minha véla, cada vez mais livida, parecia, como eu, tiritar de medo.

Oh! que terrivel momento! que terrivel momento! Era como se em torno de mim o Nada insondavel e tenebroso escancarasse, para devorar-me, a sua enorme bocca viscosa e soffrega. Por todas aquellas camas, que eu percorria como um louco, só tacteava corpos enregelados e hirtos.

Não encontrava ninguem com vida; ninguem!

Era a morte geral! a morte completa! uma tragedia silenciosa e terrivel, com um unico espectador, que era eu. Em cada quarto havia um cadaver pelo menos! Vi mães apertando contra o seio sem vida os filhinhos mortos; vi casaes abraçados, dormindo aquelle derradeiro somno,

enleitados ainda pelo ultimo delirio de seus amores; vi brancas figuras de mulher estateladas no chão, decompostas na impudencia da morte; estudantes côr de cêra debruçados sobre a mesa de estudo, os braços dobrados sobre o compendio aberto, defronte da lampada para sempre extincta. E tudo frio, e tudo immovel, como se aquellas vidas fossem de improviso apagadas pelo mesmo sopro; ou como se a terra, sentindo de repente uma grande fome, enlouquecesse para devorar de uma só vez todos os seus filhos.

Percorri os outros andares da casa : Sempre o mesmo abominavel espectaculo !

Não havia mais ninguem ! não havia mais ninguem ! Tinham todos desertado em massa !

E porque ? E para onde tinham fugido aquellas almas, n'um só vôo, arribadas como um bando de aves forasteiras ?...

Estranha grêve ! Mas porque não me chamaram, a mim tambem, antes de partir ?... Porque me abandonaram sósinho entre aquelle pavoroso despojo nauseabundo ?...

Que teria sido, meu Deus ? que teria sido tudo aquillo ?... Porque toda aquella gente fugia em segredo, silenciosamente, sem a extrema despedida dos moribundos, sem os gritos da agonia ?... E eu, execravel excepção ! por que continuava a existir, acotovelando os mortos e fechado com elles dentro da mesma catacumba ?...

Então, uma idéa fuzilou rapida no meu espi-

rito, pondo-me no coração um sobresalto horrível. Lembrei-me de Laura. N'aquelle momento estaria ella, como os outros, tambem inanimada e gélida; ou, triste retardataria! fiaria á minha espera, impaciente por desferir o mysterioso vôo?... Em todo o caso era para lá, para junto d'essa adorada e virginal creatura, que eu devia ir sem perda de tempo; junto d'ella, viva ou morta, é que eu devia esperar a minha vez de mergulhar tambem no tenebroso pelago!

Morta?! Mas por que morta?... se eu vivia era bem possivel que ella tambem vivesse ainda!...

E que me importava o resto, que me importavam os outros todos, comtanto que eu a tivesse viva e palpitante nos meus braços?!...

Meus Deus! e se nós ficassemos os dous sózinhos na terra, sem mais ninguem, ninguem?... Se nos vissemos a sós, ella e eu, estreitados um contra o outro, n'um eterno egoismo paradisiaco, assistindo recomeçar a creação em torno do nosso isolamento?... assistindo, ao som dos nossos beijos de amor, formar-se de novo o mundo, brotar de novo a vida, aeórdando toda a natureza, estrella por estrella, asa por asa, petala por petala?...

Sim! sim! Era preeiso correr para junto della!

IV

Mas a fome torturava-me cada vez com mais furia. Era impossivel levar mais tempo sem comer. Antes de soccorrer o coração era preciso soccorrer o estomago.

A fome! O amor! Mas, como todos os outros morriam em volta de mim e eu pensava em amor e eu tinha fome!... A fome, que é a voz mais poderosa do instincto da conservação pessoal, como o amor é a voz do instincto da conservação da especie! A fome e o amor, que são a garantia da vida; os dous inalteraveis polos do eixo em que ha milhões de seculos gira mysteriosamente o mundo organico!

E, no emtanto, não podia deixar de comer antes de mais nada. Quantas horas teriam decorrido depois da minha ultima refeição?... Não sabia; não conseguia calcular sequer. O meu relógio, agora inutil, marcava estupidamente doze horas. Doze horas de que?... Doze horas!... Que significaria esta palavra?...

Arremecei o relógio para longe de mim, despedaçando-o contra a parede.

O' meu Deus! se continuasse para sempre aquella incomprehensivel noite, como poderia eu

saber os dias que se passavam?... Como poderia marcar as semanas e os mezes?... O tempo é o sol; se o sol nunca mais voltasse, o tempo deixaria de existir!

E eu me senti perdido n'um grande Nada indefinido, vago, sem fundo e sem contornos.

Meu Deus! meu Deus! quando terminaria aquelle supplicio?!

Desei ao andar terreo da casa, apressando-me agora para aproveitar a mesquinha luz da véla que, pouco a pouco, me abandonava tambem.

Oh! só a idéa de que era aquella a derradeira luz que me restava!... A idéa da escuridão completa que seria depois, fazia-me gelar o sangue. Trévas e mortos, qué horror!

Penetrei na sala de jantar. Á porta tropecei no cadaver de um cão; passei adiante. O criado jazia extendido junto á mész, espumando pela bocca e pelas ventas; não fiz caso. Do fundo dos quartos vinha já um bafo enjoativo de putrefacção ainda recente.

Arrombei o armario, apoderei-me da comida que lá havia e devorei-a, como um animal, sem procurar talher. Depois bebi, sem copo, uma garrafa de vinho. E, logo que senti o estomago reconfortado, e, logo que o vinho me alegrou o corpo, foi-se-me enfraquecendo a idéa de morrer com os outros e foi-me nascendo a esperanza de encontrar vivos la fóra, na rua. Mal era que a luz da véla mingúara tanto que agora brilhava menos

que um pyrilampo. Tentei accender outras. Vão esforço! a luz ia deixar de existir.

E, antes que ella me fugisse para sempre, comecei a encher as algibeiras com o que sobrou da minha fome.

— Era tempo! era tempo! porque a miseravel chamma, depois de espreguiçar-se um instante, foi-se contrahindo, a tremer, a tremer, bruxoleando, até sumir-se de todo, como o extremo lampejo do olhar de um moribundo.

E fez-se então a mais completa, a mais cerrada escuridão que é possível conceber. Era a tréva absoluta; tréva de morte; tréva de chaos; tréva, que só comprehende quem tiver os olhos arrancados e as orbitas entupidas de terra.

Foi terrível o meu abalo, fiquei espavorido, como se ella me apanhasse de surpresa. Inchoou-me por dentro o coração, suffocando-me a garganta; gelou-se-me a medula e seccou-se-me a lingua. Senti-me como entalado ainda vivo no fundo de um tumulto estreito; senti desabar sobre minha pobre alma, com todo o seu peso de maldicção, aquella immensa noite negra e devoradora.

Immovel, arquejei por algum tempo n'esta agonia. Depois extendi os braços e, arrastando os pés, procurei tirar-me d'alli ás apalpadelas.

Atravessei o longo corredor, esbarrando em tudo, como um cego sem guia, e conduzi-me lentamente até ao portão de entrada.

Sahi.

Lá fóra, na rua, o meu primeiro impulso foi olhar para o espaço; estava tão negro e tão mudo como a terra. A luz dos lampeões apagára-se de todo e no ceu já não havia o mais tenue vestigio de uma estrella.

Tréva! Tréva e só tréva!

Mas eu conhecia muito bem o caminho da casa de minha noiva, e havia de lá chegar, custasse o que custasse!

Dispuz-me a partir, tenteando o chão com os pés, sem despregar das paredes as minhas duas mãos abertas na altura do rosto.

Passo a passo, venci até á primeira esquina. Esbarrei com um cadaver encostado ás grades de um jardim; apalpei-o : era um policia. Não me detive; segui adiante, dobrando para a rua transversal.

Começava a sentir frio. Uma densa humidade sahia da terra, tornando aquella maldicta noite ainda mais dolorosa. Mas não desanimei, prósegui pacientemente, medindo o meu caminho, palmo a palmo, e procurando reconhecer pelo tacto o logar em que me achava.

E seguia, seguia lentamente.

Já me não abalavam os cadaveres com que eu topava pelas calçadas. Todo o meu sentido se me concentrava nas mãos; a minha unica preocupação era me não desorientar e perder na viagem.

E lá ia, lá ia, arrastando-me de porta em porta,

de casa em casa, de rua em rua, com a silenciosa resignação dos cegos desamparados.

De vez em quando, era preciso deter-me um instante, para respirar mais á vontade. Doiam-me os braços de os ter continuamente erguidos. Seccava-se-me a bocca. Um enorme cañsaço invadia-me o corpo inteiro. Ha quanto tempo durava já esta tortura? não sei; apenas sentia claramente que, pelas paredes, o bolor principiava a formar altas camadas de unia vegetação aquosa, e que meus pés se encharcavam cada vez mais no lodo que o solo resumbrava.

Veio-me então o receio de que eu, d'ahi a pouco, não podesse reconhecer o caminho e não lograsse por conseguinte chegar ao meu destino. Era preciso, pois, não perder um segundo; não dar tempo ao bolor e á lama de esconderem de todo o chão e as paredes.

E procurei, n'uma afflicção, aligeirar o passo, a despeito da fadiga que me acabrunhava. Mas, ah! era impossivel conseguir mais do que arrastar-me penosamente, como um verme ferido.

E o meu desespero crescia com a minha impotencia e com o meu sobresalto.

Miseria! Agora já me custava até distinguir o que meus dedos tenteavam, porque o frio os tornara dormentes e sem tacto. Mas arrastava-me, arquejante, sequioso, coberto de suor, sem folego; mas arrastava-me.

Arrastava-me.

Afinal, uma alegria agitou-me o coração : minhas mãos acabavam de reconhecer as grades do jardim de Laura. Rcanimou-se-me a alma. Mais alguns passos sómente, e estaria á sua porta!

Fiz um extremo esforço e rastejei até lá.

Emfim!

E deixei-me cahir prostrado, n'aquelle mesmo patamar, que eu, d'antes, tantas vezes atravessara ligeiro e alegre, com o peito a estalar-me de felicidade.

A casa estava aberta. Procurei o primeiro degrau da escada e ahi cahi de roço, sem forças ainda para galgal-a.

E resfoleguei, com a cabeça pendida, os braços abandonados ao descanso, as pernas entorpecidas pela humidade. E, todavia, ai de mim! as minhas esperanças feneciam ao frio sopro de morte que vinha lá de dentro.

Nem um rumor; Nem o mais leve murmúrio. Nem o mais ligeiro signal de vida! Terrível desillusão aquelle silencio presagiava!

As lagrimas começaram a correr-me pelo rosto, tambem silenciosas.

Descancei longo tempo! depois ergui-me e puz-me a subir a escada, lentamente, lentamente.

V

Ah! Quantas recordações aquella escada me trazia!... Era ali, nos seus ultimos degraus, junto ás grades de madeira polida, que eu, todos os dias, ao despedir-me de Laura, trocava com esta o silencioso juramento do nosso olhar. Foi ali que eu pela primeira vez lhe beijei a sua formosa e pequenina mão de brazileira.

Estaquei, todo vergado lá para dentro, escutando.

Nada!

Entre na sala de visitas, vagarosamente, abrindo caminho com os braços abertos, como se nadasse na escuridão. Reconheci os primeiros objectos em que tropecei; reconheci o velho piano em que ella costumava tocar as suas peças favoritas; reconheci as estantes, peçadas de partituras, em que nossas mãos muitas vezes se encontraram, procurando a mesma musica; e depois, avançando alguns passos de somnambulo, dei com a poltrona, a mesma poltrona em que ella, reclinada, de olhos baixos e chorosos, ouviu corando o meu protesto de amor, quando, tambem pela primeira vez, me animei a confessar-lh'o.

Oh! como tudo isso agora me acabrunhava de

saudade!... Conhecemo-nos havia cousa de cinco annos; Laura então era ainda quasi uma criança e eu ainda não era bem um homem. Vimo-nos um domingo, pela manhã, ao sahirmos da missa. Eu ia ao lado de minha mãe, que n'esse tempo ainda existia e...

Mas, para que reviver semelhantes recordações?... Acaso tinha eu o direito de pensar em amor?... Pensar em amor, quando em torno de mim o mundo inteiro se transformava em lodo?...

Esbarrei contra uma mesinha redonda, tacteei-a, achei sobre ella, entre outras cousas, uma bilha d'agua; bebi sequiosamente. Em seguida procurei achar a porta, que communicava com o interior da casa; mas vacillei. Tremiam-me as pernas e arquejava-me o peito.

Oh! Já não podia haver o menor vislumbre de esperança! Aquelle canto sagrado e tranquillo, aquella habitação da honestidade e do pudor, tambem tinham sido varridos pelo implacavel sopro!

Mas era preciso decidir-me a entrar. Quiz chamar por alguem; não consegui articular mais do que o murmurio de um segredo indistinguivel.

Fiz-me forte; avancei ás apalpadelas. Encontrei uma porta; abri-a. Penetrei n'uma saleta; não encontrei ninguem. Caminhei para diante; entrei na primeira alcova, tacteei o primeiro cadaver.

Pelas barbas reconheci logo o pae de Laura.

Estava deitado no seu leito; tinha a bocca humida e viscosa.

Limpei as mãos á roupa e continuei a minha tenebrosa revista.

No quarto immediato a mãe de minha noiva jazia ajoelhada defronte do seu oratorio; ainda com as mãos postas, mas o rosto já pendido para a terra. Corri-lhe os dedos pela cabeça; ella desabou para o lado, dura como uma estatua. A quêda não produziu ruido.

Continuei a andar.

O quarto que se seguia era o de Laura; sabia-o perfeitamente. O coração agitou-se-me sobressaltado; mas fui caminhando sempre, com os braços extendidos e a respiração convulsa.

Nunca houvera ousado penetrar naquella casta alcova de donzella, e um respeito profundo immobilisou-me junto á porta, como se me pezasse profanar com a minha presença tão puro e religioso asylo do pudor. Era, porém, indispensavel que eu me convencesse de que Laura tambem me havia abandonado como os outros; que me convencesse de que ella consentira que a sua alma, que era só minha, partisse com as outras almas desertoras; que eu d'isso me convencesse, para então cahir alli mesmo a seus pés, fulminado, amaldiçoando a Deus e á sua loucura!

E havia de ser assim! Havia de ser assim, porque antes, mil vezes antes, morto com ella do que vivo sem a possuir!

Entrei no quarto. Apalpei as trevas. Não havia sequer o rumor da asa da uma mosca. Adeantei-me.

Achei uma estreita e ama, castamente velada por ligeiro cortinado de cambraia. Affastei-o e, continuando a tactear, encontrei um corpo, mimoso e franzino, todo fechado n'um roupão de flanela. Reconheci aquelles formosos eabellos setinosos : reconheci aquella carne delicada e virgem ; aquella pequenina mão, e tambem reconheci a alliança, que eu mesmo lhe collocára n'um dos dedos.

Mas oh ! Laura, a minha extremecida Laura, estava tão fria e tão inanimada como os outros !

E um fluxo de soluços, abafados e sem echo, sahiu-me do coração.

Ajoelhei-me junto á cama e, tal como fizera com as minhas violetas, debruceei-me sobre aquelle pudibundo rosto já sem vida, para respirar-lhe o balsamo da alma. Longo tempo meus labios, que as lagrimas ensopavam, áquelles frios labios se collaram, no mais sentido, no mais terno e profundo beijo que se deu sobre a terra.

— Laura ! balbueiei trememente. O' minha Laura ! Pois será possível que tu, pobre e querida flôr, casta companheira das minhas esperanças ! será possível que tu tambem me abandonasses... sem uma palavra ao menos... indifferente e alheia como os outros?... Para onde tão longe e tão precipitadamente te partiste, doce amiga, que do nosso misero amor nem a mais ligeira lembrança me deixaste?...

E, cingindo-a nos meus braços, tomei-a contra o peito, a soluçar de dôr e de saudade.

— Não; não! disse-lhe sem voz. Não me separarei de ti, adoravel despojo! Não te deixarei aqui sósinha, minha Laura! Viva, eras tu que me conduziás ás mais altas regiões do ideal e do amor; viva, eras tu que davas azas ao meu espirito, energia ao meu coração e garras ao meu talento! Eras tu, luz de minha alma, que me fazias ambicionar future, gloria, immortalidade! Morta, has de arrastar-me contigo ao insondavel pélagos do Nada! Sim! Desceremos ao abysmo, os dous, abraçados, eternamente unidos, e lá ficaremos para sempre, como duas raizes mortas, entretecidas e petrificadas no fundo da terra!

E, em vão tentando fallar assim, chamei-a de todo contra meu corpo, entre soluços, osculando-lhe os cabellos.

Ó meu Deus! Estaria sonhando?... Dir-se-hia que a sua cabeça levemente se movêra para melhor repousar sobre meu hombro!... Não seria illusão do meu proprio amor despedaçado?...

— Laura! tentei dizer, mas a voz não me passava da garganta.

E collei de novo os meus labios contra os labios d'ella.

— Laura! Laura!

Oh! Agora sentira perfeitamente. Sim! sim! não me enganava! Ella vivia! Ella vivia ainda, meu Deus!

VI

E comecei a bater-lhe na palma das mãos, a soprar-lhe os olhos, a agitar-lhe o corpo entre meus braços, procurando chamal-a á vida.

E não haver uma luz! E eu não poder articular palavra! E não dispôr de recurso algum para lhe poupar ao menos o sobresalto que a esperava quando recuperasse os sentidos! Que anciedade! Que terrível tormento!

E, com ella recolhida ao collo, assim prostrada e muda, continuei a murmurar-lhe ao ouvido as palavras mais doces que toda a minha ternura conseguia descobrir nos segredos do meu pobre amor.

Ella começou a reanimar-se; seu corpo foi a pouco e pouco recuperando o calor perdido.

Seus labios entreabriam-se já, respirando de leve.

— Laura! Laura!

Afinal, senti as suas pestanas roçarem-me na face. Ella abria os olhos.

— Laura!

Não me respondeu de nenhum modo, nem tão pouco se mostrou sobresaltada com a minha presença. Parecia somnambula, indifferente á escuridão.

— Laura! minha Laura!

Approximei os labios de seus labios ainda frios, e senti um murmúrio suave e medroso exprimir o meu nome.

Oh! ninguem, ninguem póde calcular a commoção que se apossou de mim! Todo aquelle tenebroso inferno por um instante se alegrou e sorriu.

E, n'esse transporte de todo o meu ser, não entrava, todavia, o menor contingente dos sentidos. N'esse momento todo eu pertencia a um delicioso estado mystico, alheio completamente á vida animal. Era como se me transportasse para outro mundo, reduzido a uma essencia ideal e indissolúvel, feita de amor e bemaventurança. Compreendi então esse vôo ethereo de duas almas aladas na mesma fé, deslizando juntas pelo espaço em busca do paraizo. Senti a terra mesquinha para nós, tão grandes e tão alevantados no nosso sentimento. Compreendi a divinal e suprema voluptia do noivado de dous espiritos que se unem para sempre.

— Minha Laura! Minha Laura!

Ella passou-me os braços em volta do pescoço e tremula uniu sua bocca á minha, para dizer que tinha sede.

Lembrei-me da bilha d'agua. Ergui-me e fui, ás apalpadellas, busca-a onde estava.

Depois de beber, Laura perguntou-me se a luz e o som nunca mais voltariam. Respondi vagamente, sem comprehender como podia ser que

ella se não assustava n'aquellas trevas e não me repellia do seu leito de donzella.

Era bem extranho o nosso modo de conversar. Não fallavamos, apenas moviamos com os labios. Havia um mysterio de suggestão no commercio das nossas idéas; tanto que, para nos entendermos melhór, precisavamos ás vezes unir as cabeças, frente com frente.

E semelhante processo de dialogar em silencio fatigava-nos, a ambos, em extremo. Eu sentia distinctamente, com a testa collada á testa de Laura, o esforço que ella fazia para comprehender bem o meu pensamento.

E interrogamos um ao outro, ao mesmo tempo, o que seria então de nós, perdidos e abandonados no meio d'aquelle tenebroso campo de mortos? Como poderíamos sobreviver a todos os nossos semelhantes?...

Emmudecemos por longo espaço, de mãos dadas e com as frentes unidas.

Resolvemos morrer juntos.

Sim! Era tudo que nos restava! Mas, de que modo realisar esse intento?... Que morte descobriríamos capaz de arrebatarnos aos deus de uma só vez?...

Callámo-nos de novo, ajustando melhor as frentes, cada qual mais absorto pela mesma preocupação.

Ella, por fim lembrou o mar. Saíramos juntos á procura d'elle, e abraçados peréceriamos no

fundo das aguas. Ajoelhou-se e rezou, pedindo a Deus por toda aquella humanidade que partira antes de nós; depois ergueu-se, passou-me o braço na cintura, e começamos juntos a tactear a escuridão, dispostos a cumprir o nosso derradeiro voto.

VII

Lá fóra a humidade crescia, liquefazendo a crusta da terra. O chão tinha já uma sorvedora accumulção de lodo, em que o pé se atolava. As ruas estreitavam-se entre duas florestas de bolor que nasciam de cada lado das paredes.

Laura e eu, presos um ao outro pela cintura, arriscámos os primeiros passos e puzemo-nos a andar com extrema difficuldade, procurando a direcção do mar, tristes e mudos, como os dous enxotados do Paraiso.

Pouco a pouco foi-nos ganhando uma profunda indifferença por toda aquella lama, em cujo ventre, nós, pobres vermes, penosamente nos moviamos. E deixámos que os nossos espiritos, desarmados da faculdade de fallar, se procurassem e se entendessem por conta propria, n'um mysterioso idyllio em que as nossas almas se estreitavam e se confundiam.

Agora, já não nos era preciso unir as frentes ou os lábios para trocar idéas e pensamentos. Nossos cerebros travavam entre si um contínuo e silencioso diálogo, que em parte nos adoçava as penas d'aquella triste viagem para a Morte; enquanto os nossos corpos esquecidos, iam machinalmente proseguindo, passo a passo, por entre o limo pegajoso e humido.

Lembrei-me das provisões que trazia na algibeira; offereci-lh'as; Laura recusou-as, affirmando que não tinha fome.

Reparei então que eu também não sentia agora a menor vontade de comer e, o que era mais singular, não sentia frio.

E continuamos a nossa peregrinação e o nosso dialogo. Ella, de vez em quando, repousava a cabeça no meu hombro, e paravamos para descansar.

Mas o lodo crescia, e o bolor condensava-se de um lado e de outro lado, mal nos deixando uma estreita vereda, por onde no emtanto proseguíamos sempre, arrastando-nos abraçados.

Já não tacteavamos o caminho, nem era preciso, porque não havia que receiar o menor choque. Por entre a densa vegetação do mofo, nasciam agora da direita e da esquerda, almofadando a nossa passagem, enormes cogumellos e fungões, pennugentos e avelludados, contra os quaes escorregávamos como por sobre arminhos pôdres.

Aquella absoluta ausencia do sol e do calor,

formavam-se e cresciam esses monstros da treva, disformes seres húmidos e molles; tortulhos gigantescos, cujas palpas esponjosas, como immensos tuberculos de tysico, nossos braços não podiam abarcar. Era horrivel sentir-os crescer assim phantasticamente, inchando ao lado e defronte uns dos outros como se toda a actividade molecular e toda a força aggregativa e atomica que povoava a terra, os ceus e as aguas, viessem concentrar-se n'elles, para n'elles resumir a vida inteira. Era horrivel, para nós, que nada mais ouviamos, sentir-os inspirar e respirar, como animaes, sorvendo gulosamente o oxigenio d'aquella infindavel noite.

Ai! desgraçados de nós, minha querida Laura! De tudo que vivia á luz do sol só elles persistiam; só elles e nós dous, tristes privilegiados n'aquella fria e tenebrosa desorganisação do mundo!

Meu Deus! Era como se n'esse nojento viveiro, borbulhante do lodo e da tréva, viéra refugiar-se a grande alma do Mal, depois de repellida por todos os infernos.

Respirámos um momento, sem trocar uma idéa; depois, resignados, continuámos a caminhar para diante, presos á cintura um do outro, como dous miseros criminosos condemnados a viver eternamente.

VIII

Era-nos já de todo impossivel reconheer o logar por onde andavamos, nem caleular o tempo que havia deeorrido depois que estavamos juntos. As vezes se nos afigurava que muitos e muitos annos nos separavam do ultimo sol; outras vezes nos parecia a ambos que aquellas trevas tinham-se fechado em torno de nós apenas alguns momentos antes.

O que sentiamos bem elaro era que os nossos pés eada vez mais se entranhavam no lodo, e que toda aquella humidade grossa, da lama e do ar espesso, já nos não repugnava como a principio e dava-nos agora, ao contrario, eerta satisfacção voluptuosa embeber-nos n'ella, como se por todos os nossos póros a sorvessemos para nos alimentar.

Os sapatos foram-se-nos a poueo e poueo desfazendo, até nos abandonarem descalços completamente; e as nossas vestimentas reduziram-se a farrapos immundos. Laura estremeceu de pudor com a idéa de que em breve estaria totalmente despida e deseomposta; soltou os eabellos para se abrigar com elles e pediu-me que apressassemos a viagem, a vêr se alcançavamos o mar, antes que as roupas a deixassem de todo. Depois calou-se por muito tempo.

Começei a notar que os pensamentos d'ella iam progressivamente rareando, tal qual succedia aliás commigo mesmo.

Minha memoria embotava-se. Afinal, já não era só a palavra fallada que nos fugia; era tambem a palavra concebida. As luzes da nossa intelligencia desmaiavam lentamente, como no ceu as tremulas estrellas, que pouco a pouco se apagaram para sempre. Já não viamos; já não fallavamos; iamos tambem deixar de pensar.

Meu Deus! era a tréva que nos invadia! Era a tréva, bem o sentiamos! que começava, gotta a gotta, a cahir dentro de nós.

Só uma idéa, uma só, nos restava por fim: descobrir o mar, para pedir-lhe o termo d'aquella horrivel agonia. Laura passou-me os braços em volta do pescoço, supplicando-me com o seu derradeiro pensamento que eu não a deixasse viver por muito tempo ainda.

E avançámos com maior coragem, na esperanza de morrer.

IX

Mas, á proporção que o nosso espirito por tal extranho modo se neutralisava, fortalecia-se-nos o corpo maravilhosamente, a refazer-se de seiva no meio nutritivo e fertilisante d'aquella decomposi-

ção geral. Sentiamos perfeitamente o mysterioso trabalho de revisceração que se travava dentro de nós; sentiamos o sangue enriquecer de fluidos vitaes e activar-se nos nossos vasos, circulando vertiginosamente a martellar por todo o corpo. Nosso organismo transformava-se n'um laboratorio, revolucionado por uma chusma de demonios.

E nossos musculos rubusteceram-se por encanto, e os nossos membros avultaram n'um continuo desenvolvimento. E sentimos crescer os ossos, e sentimos a medulla pullular engrossando e augmentando dentro d'elles. E sentimos as nossas mãos e os nossos pés tornarem-se fortes, como os de um gigante; e as nossas pernas encorparem, mais consistentes e mais ageis; e os nossos braços se extenderem, massiços e poderosos.

E todo o nosso systema muscular se desenvolveu de subito, em prejuizo do systema nervoso que se amesquinhava progressivamente. Fizemo-nos herculeos, de uma pujança de animaes ferozes, sentindo-nos capazes cada qual de affrontar impavidos todos os elementos do globo e todas as lutas pela vida physica.

Depois de apalpar-me surpreso, tacteei o pescoço, o tronco e os quadrís de Laura. Parecia-me ter debaixo das minhas mãos de gigante a estatua colossal de uma deusa pagan. Seus peitos eram fecundos e opulentos; suas ilhargas cheias e grossas como as de um animal bravo.

E assim refeitos puzemo-nos a andar familiar-

mente n'aquelle lodo, como se fomos creados n'elle. Tambem já não podiamos ficar um instante no mesmo lugar, inactivos; uma irresistivel necessidade de exercicio arrastava-nos, a despeito da nossa vontade, agora fraca e mal segura. E, quanto mais se nos embrutecia o cerebro, tanto mais os nossos membros reclamavam actividade e acção; sentiamos gosto em correr, correr muito, cabriolando por alli afóra, e sentiamos impetos de lutar, de vencer, de dominar alguém com a nossa força.

Laura atirava-se contra mim, n'uma caricia selvagem e pletorica, apanhando-me a bocca com os seus labios fortes de mulher irracional e estreitando-se commigo sensualmente, a morder-me os hombros e os braços.

E lá iam os inseparaveis n'aquella nossa nova maneira de existir, sem memoria de outra vida, amando-nos com toda a força dos nossos impulsos; para sempre esquecidos um no outro, como os dous ultimos parasitas do cadaver de um mundo.

Certa vez, de surpresa, nossos olhos tiveram a alegria de vêr.

Uma enorme e diffusa claridade phosphorescente extendia-se defronte de nós, a perder de vista. Era o mar.

Estava morto e quieto.

Um triste mar, sem ondas e sem soluços, chumbado á terra na sua profunda immobilidade de orgulhoso monstro abatido.

Fazia dó vel-o assim, concentrado e mudo, saudoso das estrellas, viuvo do luar. Sua grande alma branca, de antigo lutador, parecia debruçar-se ainda sobre o resfriado cadaver d'aquellas aguas silenciosas, chorando as extinctas noites, claras e felizes, em que ellas, como um bando de nayades alegres, vinham aos saltos, tontas de alegria, quebrar na praia as suas risadas de prata.

Pobre mar ! Pobre athleta ! Nada mais lhe restava agora sobre o plumbeo dorso phosphorescente do que tristes esqueletos dos ultimos navios, alli fincados, espectraes e negros, como inuteis e partidas cruces de um velho cemiterio abandonado.

X

Approximamo - nos d'aquelle pobre oceano morto, Tentei invadil-o, mas meus pés não acharam que distinguir entre a sua phosphorescente gelatina e a lama negra da terra. Tudo era igualmente lodo.

Laura conservava-se immovel como que aterrada defronte do immenso cadaver luminoso. Agora, assim contra a embaciada lamina das aguas, nossos perfis se destacavam tão bem, como, ao longe, se destacavam as ruinas dos navios. Já

nos não recordávamos da nossa intenção de afogar-nos juntos. Com um gesto chamei-a para meu lado. Laura, sem dar um passo, encarou-me com espanto, extranhando-me. Tornei a chama-la; não veio. Fui ter então com ella; ao vêr-me porém approximar, deu medrosa um ligeiro salto para traz e poz-se a correr pela extensão da praia, como se fugisse a um monstro desconhecido.

Precipitei-me também, para alcançal-a. Vendo-se perseguida, atirou-se ao chão, a galopar, quadrupedando que nem um animal. Eu fiz o mesmo, e cousa singular! notei que me sentia muito mais á vontade n'essa posição de quadrupede do que na minha natural posição de homem.

Assim galopámos longo tempo á beira mar; mas, percebendo que a minha companheira me fugia assustada para o lado das trévas, tentei detel-a, soltei um grito, soprando com toda a força o ar dos meus pulmões de gigante. Nada mais consegui do que dar um ronco de besta; Laura, todavia respondeu com outro. Corri para ella, e os nossos berros ferozes perderam-se longamente por aquelle mundo vasio e morto.

Alcancei-a por fim; ella havia cahido por terra, prostrada de fadiga. Deitei-me ao seu lado, rosando offegante de cansaço. Na escuridão reconheceu-me logo; tomou-me contra o seu corpo e affagou-me instinctivamente.

Quando resolvemos continuar a nossa peregrina-

nação, foi de quatro pés que nos puzemos a andar ao lado um do outro, naturalmente e sem dar por isso.

Então meu corpo principiou a revestir-se de um pello espesso. Apalpei as costas de Laura e observei que com ella acontecia a mesma cousa.

Assim era melhor, porque ficaríamos perfeitamente abrigados do frio, que agora augmentava.

Depois, senti que os meus maxillares se dilatavam de modo extranho, e que as minhas prezas creciam, tornando-se mais fortes, mais adequadas ao ataque, e que, lentamente, se affastavam dos dentes queixaes; e que meu craneo se achatava; e que a parte inferior do meu rosto se alongava para a frente, afilando como um focinho de cão; e que meu nariz deixava de ser aquilino e perdia a linha vertical, para acompanhar o alongamento da mandibula; e que emfim as minhas ventas se patenteavam, arregaçadas para o ar, humidas e frias.

Laura, ao meu lado, soffria iguaes transformações.

E notamos que, á medida que se nos apagavam uns restos de intelligencia e o nosso tacto se perdia, apurava-se nos o olfacto de um modo admiravel, tomando as proporções de um faro certo e subtil, que alcançava leguas.

E galopavamos contentes ao lado um do outro, grunhindo e sorvendo o ar, satisfeitos de existir

assim. Agora, o fartum da terra encharcada e das materias em decomposição, longe de enjoar-nos, chamava-nos a vontade de comer. E os meus bigodes, cujos fios se inteiriçavam como cerdas de porco, serviam-me para sondar o caminho, porque as minhas mãos haviam afinal perdido de toda a delicadeza do tacto.

Já me não lembrava, por melhor esforço que empregasse, uma só palayra do meu idioma, como se eu nunca tivera fallado. Agora, para entender-me com Laura, era preciso uivar; e ella me respondia do mesmo modo.

Não conseguia tambem lembrar-me nitidamente de como fôra o mundo antes d'aquellas trevas e d'aquellas nossas metamorphoses, e até já me não recordava bem de como tinha sido a minha propria physionomia primitiva, nem a de Laura. Entretanto, meu cerebro funcionava ainda, lá a seu modo, porque, afinal, tinha eu consciencia de que existia e preocupava-me em conservar junto de mim a minha companheira, a quem agora só com os dentes affagava.

Quanto tempo se passou assim para nós, n'esse estado de irracionaes, é o que não posso dizer; apenas sei que, sem saudades de outra vida, trotando ao lado um do outro, percorriamos então o mundo, perfeitamente familiarizados com a tréva e com a lama, esfossinando no chão, á procura de raizes, que devoravamos com prazer; e sei que, ao sentir-nos cansados, nos extendiamos por terra,

juntos e tranquillos, perfeitamente felizes, porque não pensavamos e porque não soffriamos.

XI

De uma feita, porém, ao levantar-me do chão, senti os pés tropegos, pesados, e como que propensos a se entranharem por elle. Apalpei-os e encontrei as unhas molles e abaladas, a despre-garem-se. Laura, junto de mim, observou em si a mesma cousa. Começamos logo a tiral-as com os dentes, sem experimentarmos a menor dôr ; depois passamos a fazer o mesmo com as das mãos ; as pontas dos nossos dedos, logo que se acharam despojadas das unhas, transformaram-se numa especie de ventosa do polvo, numas boccas de sanguesuga, que se dilatavam e contrahiam incessantemente, sorvendo gulosas o ar e a humidade. Começaram-nos os pés a radiar em longos e avidos tentaculos de polypo ; e os seus filamentos e as suas radículas emminhocaram pelo lodo fresco do chão, procurando soffregos internar-se bem na terra, para ir lá dentro beber-lhe o humus azotado e nutriente ; enquanto os dedos das mãos esgalhavam, um a um, ganhando pelo espaço e chupando o ar voluptuosamente pelos seus respi-

radores, fossando e fungando, irrequietos e morosos, como trombas de elephante.

Desesperado, ergui-me em toda a minha colossal e sacudi os braços, tentando dar um arranco, para soltar-me do sólo. Foi inutil. Nem só não consegui despregar meus pés enraizados no chão, como fiquei de mãos atiradas para o alto, n'uma postura, immovel. Laura, igualmente presa á terra, ergueu-se rente commigo, peito a peito, entrelaçando nos meus seus braços esgalhados e procurando unir sua bocca á minha bocca.

E assim nos quedámos para sempre, alli plantados e seguros, sem nunca mais nos soltarmos um do outro, nem mais podermos mover com os nossos duros membros contrahidos. E, pouco a pouco, nossos cabellos e nossos pellos se nos foram desprendendo e cahindo lentamente pelo corpo abaixo. E cada póro que elles deixavam era um novo respiradouro que se abria para beber a noite tenebrosa. Então sentimos que o nosso sangue ia-se a mais e mais se arrefecendo e desfibrinando, até ficar de todo transformado n'uma seiva lymphatica e fria. Nossa medulla começou a endurecer e revestir-se de camadas lenhosas, que substituiam os ossos e os musculos; e nós fomos surdamente nos lignificando, nos encascando, a fazer-nos fibrosos desde o tronco até ás hastes e ás estipulas.

E os nossos pés, n'um mysterioso trabalho subterraneo, continuavam a lançar pelas entra-

nhas da terra as suas longas e insaciáveis raizes; e os dedos das nossas mãos continuavam a multiplicar-se, a crescer, e a esfolhar, como galhos de uma arvore que reverdece. Nossos olhos desfizeram-se em gomma espessa e escorreram-nos pela crusta de cara, seccando depois como resina; e das suas orbitas vazias começaram de brotar muitos rebentões viçosos. Os dentes despregharam-se, um por um, cahindo de per si, e as nossas boccas murcharam-se inuteis, vindo, tanto dellas, como de nossas ventas já sem fardo, novas vergontas e renovos que abriam novas folhas e novas bractas. E agora só por estas e pelas extensas raizes de nossos pés é que nos alimentavamos para viver.

E viviamos.

Uma existencia tranquilla, doce, profundamente feliz, em que não havia desejos, nem saudades; uma vida imperturbavel e surda, em que os nossos braços iam por si mesmos se extendendo perguicçosamente para o ceu, a reproduzirem novos galhos, d'onde outros rebentavam, cada vez mais copados e verdejantes. Ao passo que as nossas pernas, entrelaçadas n'um só caule, eresciam e engrossavam, cobertas de armaduras corticaes, fazendo-se imponentes e nodosas, como os estalados troncos d'esses velhos gigantes das florestas primitivas.

XII

Quietos e abraçados na nossa silenciosa felicidade, bebendo longamente aquella inabalavel noite, em euje ventre dormiam mortas as estrelas, que nós d'antes tantas vezes contemplavamos embeveecidos e amorosos, crescemos juntos e juntos extendemos os nossos ramos e as nossas raizes, não sei por quanto tempo.

Não sei tambem se demos flôr ou se demos fructos; tenho apenas conseiencia de que depois, muito depois, uma nova immobilidade, ainda mais profunda, veio enrijar-nos de todo. E sei que as nossas fibras e os nossos tecidos endureeceram a a ponto de eortar a cireulação dos fluidos que nos nutriam; e que o nosso polposo amago e a nossa medula se foi alealinando, até de todo se converter em grés siliciosa e ealcarea; e que afinal fomos perdendo gradualmente a natureza de materia organica para assumirmos os caracteres do mineral.

Nossos giganteses membros, agora completamente desprovidos da sua folhagem, contrahiram-se hirtos, suffocando os nossos póros; e nós dous, sempre abraçados, nos inteiriçamos n'uma

só mole inforne, sonora e massiça, onde as nossas veias primitivas, já seccas e tolhidas, formavam sulcos ferruginosos, feitos como que do nosso velho sangue petrificado.

E, seculo a seculo, a sensibilidade foi-se-nos perdendo n'uma sombra indifferença de rocha. E, seculo a seculo, fomos de grés, de schisto, ao ao supremo estado da crystallisação.

E vivemos, vivemos, e vivemos, até que a lama que nos cercava principiou a dissolver-se n'uma substancia liquida, que tendia a fazer-se gazosa e a desagregar-se, perdendo o seu centro de equilibrio; uma gazificação geral, como devia ter sido antes do primeiro matrimonio entrê as duas primeiras moleculas que se encontraram e se uniram e se fecundaram, para começar a interminavel cadeia da vida, desde o ar atmospherico até ao silex, desde o eozoon até ao bipedé.

E oscillámos indolentemente n'aquelle oceano fluido.

Mas, por fim, sentimos faltar-nos o apoio, e resvalámos no vacuo, e precipitámo-nos pelo ether.

E, abraçados a principio, soltamo-nos depois e começamos a percorrer o firmamento, gyrando em volta um do outro, como um casal de estrellas errantes e amorosas, que vão espaço a fóra em busca do ideal.

Ora ahi fica, leitor paciente, n'essa duzia de

capitulos desenxabidos, o que eu, n'aquella maldicta noite de insomnia, escrevi no meu quarto de rapaz solteiro, esperando que Sua Alteza, o Sol, se dignasse de abrir a sua audiencia matutina com os passaros e com as flôres.

DAS NOTAS DE UMA VIUVA

DAS NOTAS DE UMA VIUVA

« Eu tinha dez mezes de viuva e havia seis que Paulo me fazia a côrte. Por esse tempo propoz-me elle um passcio ao campo e eu acceitci.

A manhã era esplendida ; uma bella manhã de Setembro, cheia de luz e temperada por um calor communicativo e doce. Às quatro horas mettemonos num carrinho de vime, levè como uma cesta, rasteiro como um divan, e commodo como um leito. Paulo deu redeas ao animal e o carro conduziu-nos para fóra da cidade.

Eu sentia um bom humor extraordinario ; o ar puro e consolador daquella madrugada, pulverizado no espaço em vapores côr de rosa, enchia-me toda como de uma grande alma nova, feita de cousas alegres e bemfazejas. Tive vontade de rir e de cantar.

O sol principiava a destacar o contorno irregular das arvores e derramava sobre as montanhas

uma luz sanguinea e transparente. Achei-me expansiva, trévessa, com repentes de criança; e, não sei porque, Paulo nessa occasião se me affigurou muito melhor do que nas outras. Cheguei a descobrir-lhe espirito e a desfazer-me em risadas com algumas pilherias suas que, fóra d'alli, me fariam bocejar.

Em certa altura, parámos. Elle ajudou-me a descer, prendeu o cavallo, abriu a minha sombrinha, e começámos os dous a andar de braço dado por debaixo das arvores.*

Que delieioso passeio! Ninguem póde calcular quanto me sentia feliz. Mais alguns passos e tinhamos chegado a um caramanchão, ou melhor, alpendre de verdura, mysterioso, morno, impregnado de perfumes resinosos e embebido de azul sombrio. Ao lado, uma cascata corria em sussurros; e as suas aguas esfarelavam-se nas pedras, irradiando na fulguração do sol.

Paulo deixou-me por um instante, para ir buscár o carro. E, n'esse momento de inteira liberdade, quando senti que não era observada por ninguem, levantei-me, bati palmas e puz-me a dançar como uma doida; depois galguei aos saltos o lado da cascata e reeebi no rosto o pó humido das aguas, d'onde o sol tirava cambiantes multicôres e dourados. Abaixei-me, colhi agua na concha das mãos e bebi. Afinal, assentei-me no chão e abri a eantar uma cousa alegre que aprendera ainda no tempo do collegio.

Paulo voltou com o carro e recolheu ao pavilhão o cesto do almoço. Extendeu a toalha sobre uma mesinha de pedra que havia ; pousou uma machina de café, duas garrafas de bordeaux, uma de champagne, uma botija de curaçáo, uma empada, um assado, queijo, fructas e pão.

Sentia appetite e confesso que estava encantada com tudo aquillo. Era a primeira vez que me animava a fazer uma folia d'esse genero — um almoço ao ar livre, ao lado de um rapaz.

E Paulo não me parecia o mesmo homem : descobria-lhe maneiras e qualidades, para as quaes jámais attentára em quanto o vira sómente nas frias attitudes circumspectas da vida ; notava-lhe agora a distincta estroinice dos pandegos de boa familia, creados e animados entre senhoras finas e orgulhosas ; um certo pouco caso fidalgo e elegante pelas virtudes communs e pelos vicios vulgares ; um ar altivo e masculino de quem está habituado a gastar forte com os seus prazeres ; uma linha moderna, libertina e gentil a um tempo, feita de extravagancias de bom gosto, e um pouco de viagens, alguns conhecimentos de musica, um nada de politica, anedoctas francezas, algum dinheiro, charutos caros, um monoculo, o uso de varias linguas, duas gottas de mel inglez no lenço, um fato bem feito de casimira cambraia, um chapéu de palha, luvas amarellas, polainas e uma bengala.

E o grande caso é que estava um rapagã

cheio de gestos largos, de atiramentos de perna e de grandes exclamações em inglez.

Assentei-me no banco que circulava a mesa e elle fez o mesmo defronte de mim. Informou-se se eu estava satisfeita com o passeio; fallou em repetil-o. Era preciso aproveitar o verão. Mas, nos domingos — nada! Havia muita gente!

E abria garrafas, dava lume á machina de café, servia-me de mariscos e fallava-me do seu amor. Eu contei-lhe francamente as impressões que recebera áquella manhã e mostrei-me contente.

— Se soubesse, minha amiga, disse-me elle, quanto me sinto bem a seu lado!... Nem mesmo me reconheço, creia! Fico tolo só a pensar em nossa futura felicidade, em nossa casa e em nós-sos...

La fallar nos filhos, mas deteve-se e ficou a olhar-me em silencio, com os olhos afogados n'uma grande insistencia humilde. Parecia haver um pranto escondido por detraz das suas pupillas verdes.

— Descance, falta pouco!... respondi, possuída de alguma cousa que não sei bem se era compaixão.

— Falta um seculo!... emendou elle com um suspiro.

E chegou-se mais para mim. Tinha o ar tão respeitoso que não fugi.

— Porque não fica mais á vontade? aconselhou-

me, ajudando-me, muito solícito, a tirar o chapéu e desfazer-me do mantelete.

Houve um silencio. Elle queixou-se da falta de gelo, abriu uma nova garrafa de bordeaux e encheu as taças. Depois, leu-me uns versos que a mim fizera no meu tempo de solteira. Vieram recordações. — O nosso namoro! Quanta ciancice!

— E o bofetão?...

Esta lembrança trouxe-me uma risada que me fez engasgar. Sobreveio-me tosse; fiquei um pouco suffocada..

Elle levantou-se logo, começou a bater-me delicadamente nas costas. E, a pretexto de auxiliar-me, affagava-me os cabellos e a fronte.

— Não é nada! não é nada! dizia. Um gole de champagne!

— Não! antes agua...

Correu á cascata e voltou com um copo d'agua.

Tornamos á palestra, e não réparei logo que o rapaz d'esta vez ficára inteiramente encostado a mim. Passámos á sobremesa. As pilherias repetiam-se mais a miudo. Paulo poz-se a fumar.

Consenti e disse até que gostava do cheiro do fumo. Elle fez saltar a rolha do champagne. Sentia-me enlanguecer; os olhos ardiam-me um tanto e todo o corpo me pedia repouso; insensivelmente fui perdendo alguma cousa da minha cerimonia e pondo-me á vontade; estiquei mais as pernas, récostei-me nas costas do banco e debrucei para traz a cabeça.

Elle ficou a olhar-me muito, com um ar serio e infeliz. Tive vontade de dizer qualquer coisa e nada mais consegui do que sorrir. Estava fatigada.

Paulo aconselhou-me que fumasse um cigarriinho e esta idéa extravagante não me pareceu má. Fumei o meu primeiro cigarro.

Em seguida senti um vago desejo de dormir. Elle serviu o café e o licôr. Fez-me tomar antes um pouco de champagne misturado com Bordeaux.

E continuámos a conversar. As recordações de antes do meu casamento vinham a todo o instante.

— Isto sempre teve genio!... segredava elle, ainegando-me o queixo.

Chamava-me creaturinha má, sem coração; ameaçava-me com vingançaquinhas, que se realisariam quando fôssemos casados. Tinha ditos maliciosos, palavras de sentido dubio e olhares cheios de paixão.

Eu extendia-me cada vez mais no banco, amolecida por um entorpecimento agradável; as palpebras fechavam-se-me. Fazia-se-me vontade de ser menos severa para com aquelle pobre companheiro de infancia; tanto que não me sobresáltei quando senti a sua mão enipolgar-me a cintura.

— Como eu te amo! murmurou elle, com a bocca muito perto de meu rosto.

O seu halito abrazava-me as faces.

— Não faça assim: pedi, repellindo-o frouxamente.

Mas elle passou-me a outra mão na cinta e puxou-me para si.

Fiz ainda alguma resistencia; sentia-me porém tão molle, e além d'isso sabia-me tanto ser abraçada por alguém n'aquella occasião, que me deixei leyar e cahi sobre elle, com a cabeça desfallecida no seu hombro.

Paulo segurou-me o rosto e estonteou-me de beijos.

Eram ardentes, vivos, repetidos, como os tiros de uma metralhadora. »

INSEPULTOS

INSEPULTOS

Havia nada menos de trinta e cinco annos que eu deixára minha cidade natal quando lá tornei pela primeira vez.

Trinta e cinco annos ! Quantos voltas não dera o mundo durante essa larga ausencia ! De lá sahira levando por unica bagagem — pobre orphão desamparado ! — um leve sacco cheio de illusões, e voltava agora triumphante, de novo sósinho é verdade, mas com o meu sacco cheio de ouro até á bocca.

Como é de calcular, tão brilhante foi a volta quão mesquinha e triste tinha sido a partida ; receberam-me com musica, vivas e foguetes, numa estrondosa manifestação de enthusiasmo ; e desde logo por deante começaram a ferver em volta do meu nome ou do meu titulo os melhores e mais carinhosos adjectivos, como em volta de

mim ferveram as festas, os bailes e os regalos.

Tomaram-me por tal modo que me não deixaram tempo sequer para lembrar-me da unica pessoa talvez que tivesse tido uma lagrima sincera quando de lá parti desamparado e pobre.

Foi essa gentil pessoa a dona dos meus primeiros amores. Um romancete dos dezoito annos. — Ah! como nesse tempo meu coração era puro! — Vi-a uma vez numa festa de arraial e logo ficámos namorados. Chamava-se Alice. Consegui relacionar-me com a familia della; depois tivemos entrevistas ao fundo do quintal de sua casa, debaixo de um caramanchão de jasmíns. Fiz-lhe tremulo, com as suas pequeninas mãos entre as minhas, a confissão do meu amor; ella abaixou os olhos enrubecendo e, toda confusa, toda medrosa, jurou, balbuciando como num sonho, que só a mim queria por toda a vida e só a mim accetaria por esposo.

E parti, no cmtanto, para o Rio de Janeiro sem ao menos lhe dizer adeus, porque nessa occasião estava Alice fóra da cidade. Mas, por muitas vezes, nos meus primeiros desenganos e na febre das minhas lutas pela vida e principalmente depois na resaca das minhas victorias sem merito, a sua singela imagem, graciosa e casta, vinha alegrar a sombria aridez dos castellos da minha ambição com a brancura das suas azas, como alva pomba vae ás vezes pousar na ennegrecida torre de uma velha egreja abandonada e vasia.

Amigo desmemoriado e ingrato que és tu, meu pobre coração! só tres mezes depois da minha estada na provincia — tres mezes! te lembraste de Alice! E achastel-a de novo, perjuro! achastel-a, de memoria, na amargura da tua velha saudade, como no fundo de um venturoso sonho extincto! achastel-a, a fitar-me ainda do passado, com os seus grandes olhos innocentes e amorosos. Achastel-a, sim, que meus labios ainda sentiram a doce impressão da innocente bocca de donzella que os beijou noutro tempo! Achastel-a, que em minha alma cansada respirou ainda o delicado aroma que eu nella adivinhava dantes, como se adivinha no botão de rosa o perfume que ha de ter a flôr desbrochando.

Ah! muito e muito me impressionaram semelhantes recordações! impressionaram-me tanto que, quando depois me achava em sociedade, instinctivamente iam sempre meus olhos procurar no grupo das damas alguma que me dêsse idéa da formosa creatura por quem meu coração gemeu a primeira nota de amor. Mas qual! estavam todas bem longe de lembrar sequer aquella graça meiga e despretenciosa, aquella doce agrado, humilde, quasi infantil, que em Alice me captivaram. Em nenhum daquelles olhos de mulher que agora me cubiçavam, em nenhum daquelles sorrisos que nas salas me seguiam atados numa esperança de casamento rico, encontrava eu o mais ligeiro vislumbre do amor passado, daquelle amor que eu

vira outrora nos olhos della, tão natural e sincero !

Mas uma noute, no palacio do presidente, por occasião de um baile que me era offerecido, ruminava a minha incoercivel saudade ao fundo de de uma janella, quando notei que viera collocar-se ao meu lado uma senhora gorda, idosa e respeitavel. Aprumei-me logo, vergando-me galantemente, de claque em punho, e, antes de achar tempo para dizer qualquer banalidade de cortezia, reparei que ella me fitava com estranha insistencia.

Tive um sobresalto. O coração bateu-me com mais força. Entre nós dous cavou-se um profundo silencio, frio e desconsolado como a velhice.

Encarámo-nos ainda um instante, sem dar palavra ; depois, voltando pouco a pouco do meu abalo, senti ir acordando a minha memoria de frente daquella triste e cansada physionomia, que alli me fitava obstinadamente, como se por detraz della uma alma occulta me estivesse espiando do passado.

E reunindo, como depois de um naufragio, os miseraveis destroços de uma querida formosura que já não existia senão na memoria do meu coração e na poesia da minha saudade, balbuciei com os labios tremulos e os olhos humidos :

— Alice !

Ella sorriu tristemente e conservou-se muda.

No fim de algum tempo suspirou e disse-me

que estava a espera de ver se eu ainda a reconheceria.

«Aproximámo-nos então um do outro e conversámos. Contou-me que já tinha netos. Enviára com seis filhos e soffrêra muito desde o primeiro parto.

Em seguida vieram as recordações, e tudo lembrado por ella, com uma voz em que faltavam dentes e uma commoção que lhe fazia os olhos menores e mais empapuçados.

E eu, enquanto a ouvia, examinava-a disfarçadamente, procurando descôbrir e colher uma lembrança da encantadora companheira dos meus primeiros sonhos por entre aquelles funebres restos insepultos.

Que terrivel desillusão, meu Deus!

Oh! porque aquella deshumana creatura consentiu que eu a visse assim, indecorosamente descomposta de belleza? Porque aquella insensata não fugiu para dentro do mundo, não se escondeu na terra, antes que a senilidade lhe viesse daquelle modo ultrajar tão miseravelmente o corpo que eu até esse instante divinিসava na minha saudade?

Ella, coitada! como se percebera o meu intimo juizo, fez-me notar, jovialmente, que tambem eu pelo meu lado estava bem longe de lembrar o que fui. E de novo entristecida, mau grado o esforço que fazia para alegrar o rosto, recordou-me, com um inquietante sorriso, os meus bellos cabellos de moço, quando eu os tinha negros,

abundantes e annelados; e referiu-se, meneando a cabeça desconsoladamente, á extinta alvura dos meus dentes e á rosada frescura primitiva de meus labios, outrora tão bonitos e tão senhores dos seus ultimos beijos de criança e dos seus primeiros beijos do mulher. E, fitando meus olhos, parecia procurar nelles uns olhos que não eram os meus, mas ia com os della entrando por elles familiarmente, para vir cá dentro de mim buscar os outros, os seus intimos, os seus alegres companheiros de mocidade, que deviam lá estar ainda nesse passado feliz que cada um de nós carinhosamente continuava a guardar no fundo d'alma.

Accordei-a desse devaneio com uma facecia desenxabida, fallando do meu bigode branco e da minha calva.

Rimo-nos ambos e continui a rir durante o resto da nossa conversa. Mas, enquanto eu ria e gracejava, ia-me entrando traçoicamente no coração um hospede sombrio, uma sinistra amargura, que principiava a installar-se nelle, varrendo para fóra os ultimos farrapos de illusão que o intruso ainda encontraria lá dentro, esquecidos pelo chão e pelas paredes frias.

Não pude demorar-me ali. Dei-me por indisposto e retirei-me em meio da festa, sem levar na deserção outro companheiro além de um charuto accendido no momento de tomar o carro.

Ao entrar em casa dispensei o criado, recolli-me sósinho aos meus aposentos e, ao passar pelo

espelho do guarda-roupa, mirei-me longa e silenciosamente, como se só então e de surpresa me visse tão velho e acabrunhado, extranhando por tal modo a minha propria imagem, como se naquelle instante dêsse cara a cara com um desconhecido que eu não sabia donde vinha, nem o que de mim queria, para estar alli a fixar-me com tamanha impertinencia.

Maldicta sombra importuna! Maldicto despojo de mim mesmo!

Traço por traço examinei-me da cabeça aos pés; todo eu, como Alice, tinha já desapparecido na melhor parte, e os meus restos eram cabellos sem côr, olhos sem luz, bocca sem beijos e alma sem dono.

Como eu estava retardado neste mundo!

Despi-me. Não pude ler, nem pensar, nem fazer nada. Puz-me a fumar, estirado no divan, perdido numa infinidade de tolices aborrecidas. De vez em quando observava com tédio as minhas mãos engelhadas, o meu ventre disforme, as minhas pernas tropegas e os meus pés deformados.

Oh! definitivamente esta vida era uma mystificação e não valia a pena viver! isto é, trabalhar tanto, desejar tanto, e para que? para ir morrendo e apodrecendo a pouco e pouco, de momento a momento, até nos estalar afinal a ultima fibra e rolar dentro da terra indifferente mais uma pouca de lama.

E senti um doloroso e vago desejo de não con-

tinuar a existir, mas sem morrer; uma insaciavel vontade de desertar do presente para o passado extinto; volver-me de novo o que eu fôra, desprotegido e pobre, mas rico de inexperiencia, com a minha mocidade inteira e inteiro o meu thesouro de illusões; e que eu pudesse ir pelo passado a dentro, correndo, até chegar de novo aos dezoito annos, e atravessar então o muro do quintal daquela Alice, que não morrera e que já vivia, e cahir-lhe aos pés, debaixo do cheiroso caramanchão de jasmims, e beijar-lhe os dedos brancos e mimosos, e dizer-lhe com a minha bocca de moço mil cousas de amor, e ouvir em resposta : « Eu te amo ! Eu te amo ! » e poder acreditar nestas palavras sem a mais ligeira soubra de desconfiança, como outrora, quando ellas sahiam quentes do coração de Alice para estalarem á superficie da bocca num beijo contra meus labios.

E depois, abraçado com ella, eternamente jovens como os amantes que os poetas celebran nos seus poemas de amor, queria fugir para um outro mundo bem longe deste, ideal e puro, onde não houvesse dinheiro nem honrarias, e onde se não fosse apodrecendo em vida, aos poucos, como nesta miseravel terra em que nos arrastamos sem asas.

0 MADEIREIRO

O MADEIREIRO

— Sua ama está em casa, rapariga?

— Está, sim, senhor. Tenha a bondade de dizer quem é.

— Diga-lhe que é a pessoa que ella espera para jantar.

— Ah! Póde subir... Minha ama vêm já.

Entrei e reconheci a saleta, onde eu dantes tóra recebido tantas vezes pela viuvinha do general.

Quanta recordação! Vira-a uma noite no Club de Regatas; apresentou-m'a um jornalista então em moda; dansámos e conversámos muito. Ao despedir-nos, ella, com um sorriso promettedor, disse-me que costumava receber ás terças-feiras os amigos em sua casa e que eu lhe apparecesse.

Fui, e um mez depois eramos mais do que amigos, eramos amantes.

Adoravel creatura! simples, intelligente e meiga. No entanto, o meu amor por ella fôra sempre um tanto frouxo e preguiçoso. Aceitava e desfruetava a sua ternura como quem aeeita um obsequio de eortezia. Teria eu por ventura o direito a recusal-a?...

Mas, assim como nasceram, aeabaram os nossos amores; uma oeeasião eheguei tarde de mais á entrevista; de outra vez lá não fui; depois esperei-a e ella não se apresentou; até que um dia, quando dei por mim, reparei que já não era seu amante.

Seis mezes já lá se iam depois d'isto, e eis que uma bella manhã, ao levantar-me da cama, entregaram-me uma carta.

Era d'ella.

« Meu amigo.

Sei que conserva as minhas eartas e peço-lhe que m'as restitua. Venha jantar commigo, mas não se apresente sem ellas. É um caso sério, aereдите.

São vinte. Não me falte e eonte eom a estima de quem espera mereeer-lhe este ultimo obsequio.

Afianço que será o ultimo. — Sua amiga,
Laura. »

Para que diabo quereria ella as suas eartas?... Teria receio de que as mostrasse a alguém?... Impossivel!

Prineipiavam-me estas considerações, quando

se rasgou a cortina da saleta e a viuvinha do general surgiu defronte de mim.

— Com effeito! disse ella. Só assim o tornaria a ter em minha casa! Bons olhos o vejam!

Beijei-lhe a mão.

— Trouxe?... perguntou.

— Suas cartas? Pois não! Bem sabe que mim as suas ordens são sagradas...

— Ainda bem. Sente-se.

Sentamo-nos ao lado um do outro. Ella res-cendia uma combinação agradável de kananga do Japão e sabonete inglez; tinha um vestido de linho enfeitado de rendas; e na frescura avelludada do seu collo destacava-se um medalhão de onix.

— Então, que phantasia foi essa?... interroguei, depois de um silencio em que nos contemplámos com o mesmo sorriso.

E no intimo já estava gostando de haver lá ido. Achava-a mais galante; quasi que me parecia mais moça e mais bonita.

— Que phantasia?...

— A de exigir as suas cartas...

Ella fez do seu meio sorriso um sorriso inteiro.

— Tinha receio de que alguém as visse?... perguntei, tomando-lhe as mãos entre as minhas.

— Não! Supponho-o incapaz de tal baixeza...

— Então?...

— Mas para que deixal-as lá?... Está tudo acabado entre nós...

— E retirou a mão.

Eu cheguei-me mais para ella.

— Quem sabe?... disse.

Laura soltou uma risada.

— Você ha de ser sempre o mesmo!... Não se lembraria de mim se não recebesse o meu bilhete, e agora... Typo!

— Não digas tal, que é uma injustiça!

— Espere! Tira a mão da cinta! Tenha juizo!

— Já não te mereço nada?...

— Deixe em paz o passado e tratemos do futuro. Eu quero que você seja meu amigo...

Dizendo isto, erguera-se e fôra abrir uma janella que despejava sobre o jardim.

— Está então tudo acabado?... Tudo? inqueri, erguendo-me tambem, e envolvendo-a no meu desejo, que ella fázia agora reviver, maior do que nunca.

É que incontestavelmente o demonio da viuvinha estava muito mais appetitosa. Nunca tivera aquelles hombros, aquelle sorriso tão sanguineo e aquelles dentes tão brancos! Seus olhos ganharam muito durante a minha ausencia, estavam mais humidos e mysteriosos, quasi bregciros! o seu cabello parecia-me mais preto e mais lustroso; a sua pelle mais pallida, com uma cheirosa frescura de magnolia. Todos os seus movimentos adquiriram inesperada seducção; o seu quadril havia enrijado de um modo surprehendente; o seu collo

tomára irresistíveis proeminências que meus olhos cubiçosos não se fartavam de beijar.

— Então, tudo acabado, hein?...

— Tudo!

— Tudo? tudo?...

— Absolutamente!

— Para sempre?

— Você assim o quiz, meu amigo! Queixe-se de si!

Ia lançar-lhe as mãos e fechál-a n'um abraço; ella, porém, desviou-se, ordenando-me com um gesto muito sério que me contivesse, puxou duas cadeiras para junto da janella e pediu-me que a ouvisse com toda a attenção.

— Sabe porque lhe exigi as minhas cartas?...

— Porque?

— Porque vou casar...

— Como? A senhora disse que ia casar?!

— Dentro de duas mezes.

— Com quem, Laura?

E fiquei tambem eu muito sério.

— Com um negociante de madeiras.

— Um madeireiro?

Ella meneou affirmativamente a cabeça; eu fiz um tregeito de bico com os labios e puz-me a sacudir a perna.

— Está bom!

— Que quer você?... Uma senhora nas minhas condições precisa casar!...

— Ora esta! Um madeireiro!...

— Que me ama muito mais do que você me amou, tanto assim que está disposto a fazer o que você nunca teve a coragem de imaginar sequer! E juro-lhe, meu amigo, que saberei merecer a confiança de meu marido! Serei em virtude o modelo das esposas !,..

Olhei-a de certo modo.

— Não seja tolo! disse ella em resposta ao meu olhar.

E fugiu lá para dentro, sem eonsentir que eu a acompanhasse.

Só nos tornamos a vêr meia hora depois, já á mesa do jantar

— E ás cartas? reclamou ella.

Tirei o maço dô bolso, desatei-lhe a fitinha côr de rosa que o atava; contei as cartas, estavam todas as vinte methodicamente numeradas, com as competentes datas em cima escriptas em letra boa.

Mas não tive animo de entregal-as.

— Olhe! disse, trago-lh'as noutro dia... Se as restituir agora, que pretexto posso ter para voltar cá?...

— Hein? Como? Isso não é de cavalheiro!...

— Não sei! Quem lhe mandou fiear mais seductura do que era?

— Está então disposto a não entregar as minhas cartas?...

— E até a servir-me d'ellas como arma de vingança!

Laura franziu a sobrancelha e mordeu os beiços. Tinhamos já cruzado o talher da sobremesa e bebíamos, calados ambos, a nossa taça de champagne.

O silencio durou ainda bastante tempo. Ella só o quebrou para perguntar, muito secca, se eu queria mais assucar no café.

E continuámos mudos.

Afinal, accendi um charuto e arrastei minha cadeira para junto da sua.

— É melhor ser minha amiga... segredei passando-lhe o braço na cintura.

— Não desejo outra cousa, balbuciou resentida e magoada. Peço-lhe juntamente que me proteja como amigo, em vez de pôr obstaculos ao meu futuro. Que diabo! eu preciso casar!...

— Eu lhe entrego as cartas... Descance.

— Então dê-m'as!

— Com a condição de prolongar a minha visita até mais tarde...

— Mas...

— E fazemos um pouco de musica ao piano como dantes. Está dito?

— Jura que me entrega depois as cartas?...

— Dou-lhe a minha palavra de honra.

— Pois então fique.

As onze e meia, Laura apresentou-me o chapéu e a bengala.

Repelli-os e declarei positivamente que não lhe entregaria as cartas, se ella não me concedesse

por aquella noite, aquella noite só, gozar ainda uma vez dos direitos que dantes o seu amor me conferia tão sollicitamente.

Ella a principio não quiz, mostrou-se zangada ; mas eu insisti, suppliquei, jurei que seria a ultima vez, a ultima !

E não sahi.

Pela manhã, depois do almoço, Laura exigiu de novo as suas cartas.

Tirei o pacotinho da algibeira, abri-o, contei dez.

— É a metade. Ahi ficam !

— Como a metade ?...

— Pois, Laura, você me acha tão tolo que te entregasse logo todas as tuas cartas ?... E depois, em troca do que te pediria que prolongasses um outro jantar como o de hontem ?...

— Isso é uma velhacada !

— Que seja !

— Estou quasi não acceitando nenhuma !

— D'aqui a uma semana vir-te-hei trazer as outras dez. Está dito ?

— Tratante !

D'ahi a uma semana, com effeito, lá ia eu, com as dez cartinhas na algibeira, em caminho da casa de Laura. E nunca em minha vida esperei com tanta ancia a hora de uma entrevista de amor. Os dias que a precederam afiguraram-se-me interminaveis e tristes. A viuvinha tambem se mostrava anciosa, quando menos por apanhar as suas cartas.

Mas, coitada! não recebeu as dez, recebeu cinco.

Pois se a achei ainda mais arrebatadora n'esta segunda concessão que na primeira!...

E na seguinte semana recebeu apenas duas cartas, e nas outras que se seguiram recebeu uma de cada vez.

Ah! mas tambem ninguem poderá imaginar a minha afflicção ao desfazer-me da ultima! um jogador não estaria mais commovido ao jogar o derradeiro tento! Eu ia ficar completamente arruinado; ia ficar perdido; ia ficar sem Laura, o que agora se me afigurava a maior desgraça d'este mundo!

Arrependi-me de lhe ter dado dez logo de uma vez e cinco da outra. Que grande estúpido fôra eu! Esbanjara o meu bello capital, quando o podia ter feito render por muito tempo!...

Então o espectro do madeireiro surgiu-me á phantasia, como eu o imaginava: bruto, vermelho, gordo e suarento. E Laura, ao meu lado, no abandono tepido da sua alcova sorria triumphante, porque tinha resgatado o unico laço que a prendia a outro homem. Estava livre!

Rasguei a carta ao meio.

— Aqui tem, disse passando-lhe metade da folha de papel. Ainda me fica direito a um almoço e metade de uma noite em sua companhia... Peça-lhe que me deixe voltar...

Ella riu-se, e só então reparei que meus olhos estavam cheios d'agua.

— Queres que te passe de novo o baralho?... perguntou-me enterneecida, cingindo-se ao meu peito.

— Se quero!... Isso nem se pergunta!

— Mas agora é a minha vez de pôr a condição...

— Qual é?

— Só tornaremos a jogar-o depois de casados, serve-te?

— E o madeireiro? Elle não tem cartas tuas?

— Tranquillisa-te que, além de meu marido, eu só amei e eserevi a um homem, que és tu!

— Pois aceito eom todos os diabos! E, eomo ainda tenho jus a um almoço, não preeiso sahir já!

Uma semana depois, Laura dizia-me á volta da egreja :

— Mas, meu querido, eomo queres tu que eu te mostre uma pessoa que não existe?...

— Como não existe?... Então o teu ex-noivo, o celebre madeireiro, eujo retrato trazias no medallhão de onyx...

— Qual noivo! Aquella photographia e de um jardineiro que tive ha muitos annos e que morreu aqui em casa.

— Então tudo aquillo foi?...

— Foi o meio de arrastar-te para junto de mim, tolo! e reconquistar o teu amor, que era tudo o que ambieionava n'esta vida!

MUSCULOS E NERVOS

MUSCULOS E NERVOS

Terminava a primeira parte do espectáculo, quando D. Olympia entrou no circo, pelo braço do pae.

Havia grande enchente. O publico vibrava ainda sob a impressão do ultimo trabalho exhibido, que devia ter sido maravilhoso, porque o enthusiasmo explodia por toda a platéa e de todos os lados gritavam ferozmente : « Scott ! A scena Scott ! » Dous sujeitos de libré azul com alamares dourados conduziam para o interior do theatro um cavallo que acabava de servir. Muitos espectadores, de chapéu no alto da cabeça, estavam de pé e batiam com a bengala nas costas das cadeiras; as cocottes pareciam loucas e soltavam guinchos, que ninguem entendia; das galerias trovejava um barulho infernal, e, por entre aquella descarga atrozadora, só o nome do idolatrado acro-

bata sobressahia, exclamado com delirio por mil vozes.

— Scott! Scott!

Olympia sentiu-se aturdida; o pae, no intimo, arrependia-se de lhe ter feito a vontade, consentindo em leval-a ao circo, mas o medico recomendara tanto que não a contrariassem... e ella havia mostrado tanto empenho no capricho de ir aquella noite ao Polytheama...

De repente, um grito unisono partiu da multidão. Estalaram as palmas com mais impeto; ehoveram chapеus; arremeçaram-se leques e ramalhetes, Scott havia reapareido.

— Bravo! Bravo, Scott!

E os applausos reerudeseeram ainda.

O gymnasta, que entrara de carreira, parou em meio da arena, aprumou o corpo, saudio a cabelleira anelada, e, voltando-se para a direita e para a esquerda, atirava beijos, sorrindo, no meio d'aquella tempestade gloriosa.

Depois de agradecer, estalou graciosamente os dedos e retirou-se de costas, a dar cambalhotas no ar.

Deseneadeou-se de novo a furia dos seus admiradores, e elle teve de voltar á scena inda uma vez, mais outra, e outra, cada vez mais triumphante.

Olympia, entretanto, com a cabeça pendida para a frente, o olhar fito, os labios entre-abertos, dir-se-hia hypnotisada, tal era a sua immobi-

lidade. O pai tentou chamal-a á conversã; ella respondeu por monosyllabos.

— Queres... vamos embora.

— Não.

Na segunda parte do espectaculo, a moça parecia divertir-se. Não despregava a vista de Scott, a quem cabia a melhor parte dos trabalhos da noite.

O mais famoso era a sorte dos vôos. Consistia em dependurar-se elle de um trapezio muito alto, deixar-se arrebatã pelo espaço e, em meio do trajeeto, soltar as mãos, dar uma cambalhota e ir agarrar-se a um outro trapezio que o esperava do lado opposto.

Cadã um d'estes saltos levantava sempre uma explosão de bravos.

Scott havia feito já, por duas vezes, o seu vôo arriscado; faltava-lhe o ultimo e o mais perigoso. Diferençava este dos primeiros em que o acrobata, em vez de lançar-se de frente, tinha de ir de costas e voltar-se no ar, para aleançar o trapezio fronteiro.

O publico palpitava ancioso, até que Scott afinal assomou no alto trampolim armado nas torrinhas, junto ao tecto.

Cavou-se logo um fundo silencio nos espeetadores. Os corações batiam com sobresalto; todos os olhos estavam eravados na esbelta figura do artista, que, lá muito em cima, parecia, nas suas roupas justas de meia, a estatua de uma divindade

olympica. Destacava-se-lhe bem o largo peito, hereuleo, guardado pelos grossos braços nús, em contraste com os rins estreitos, mais estreitos que as suas nervosas coxas, cujos musculos de aço se encapellavam ao menor movimento do corpo.

Com uma das mãos elle segurava o trapezio, enquanto com a outra limpava o suor da testa. Depois, tranquillamente, sem o menor abalo, prendeu o lenço na sua cinta bordada de lentejoilas e deu volta ao corpo.

Ouvia-se a respiração offegante do publico.

Scott sacudiu o braço do trapezio, experimentando-o, puxou-o afinal contra o collo e deixou-se arrebatado de costas.

Em meio do circo desprendeuse, gritou : « Hop ! » deu uma volta no ar e lançou-se de braços estendidos para o outro trapezio.

Mas, o vôo fôra mal calculado, e o aerobata não encontrou onde agarrar-se.

Um terrivel bramido, como de cem tigres a que rasgassem a um só tempo o coração, echoou por todo o theatro. Vio-se a bella figura de Scott, um instante solta no espaço, virar para baixo a cabeça e cahir na arena, estatelada, com as pernas abertas.

O recinto do circo encheu-se logo. Nos camarotes mulheres desmaiaram, em gritos ; algumas pessoas fugiam espavoridas, como se houvesse um incendio ; outras jaziam pallidas, a bocca aberta e a voz gelada na garganta. Ninguem mais se en-

tendia ; nas torrinhas passavam uns por cima dos outros, n'uma avidez aterrada, disputando ver se conseguissem distinguir o acrobata.

Este, todavia, sem accordo e quasi sem vida, agonisava por terra, a vomitar sangue.

Olympia, livida, tremula, estonteada, quando deu por si, achou-se, sem saber como, ao lado do moribundo. Ajoelhou-se no chão, tomou-lhe a cabeça no regaço, e vergou-se toda sobre elle, procurando sentir nas faces frias o derradeiro calor d'aquelle bello corpo esculptural e masculino. E, desatinada, offegante, apalpava-lhe o peito, o rosto, a bronzea carne dos braços, e, com um grito de extrema agonia, molhava a bocca no sangue que elle expellia pela bocca.

Scott teve um estremecimento geral de corpo, contrahiu-se, vergou a cabeça para traz, volveu para a moça os seus limpidos olhos commovidos, agora turvados pela morte, cerrou os dentes e, n'um arranco supremo, soltou o gemido derradeiro.

E o corpo do acrobata escapou das mãos finas de Olympia, inanimado.

INDICE

	Pag.
Vícios.	1
Ultimo lance	13
O impenitente.	23
Pelo caminho.	35
Resposta	46
Heranças	55
A serpente	66
No Maranhão.	81
Fóra de horas.	91
Inveja.	103
Demonios	111
Das notas de uma viuva	159
Insepultos.	169
O madeireiro	179
Musculos e nervos	191

ROMANCES

DE

ALUIZIO AZEVEDO

Casa de pensão, 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
O Coruja. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
Memorias de um condemnado. 1 v. in-4° enc. 4\$000, br.	3\$000
Mysterio da Tijuca. 1 v. in-4° 4\$000, br..	3\$000
O Mulato. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
O Cortiço. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
O Homem. 1 v. in-4° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
Pégadas. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br. . . .	3\$000
Livro de uma sogra. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000

NO PRÉLO E A SAHIR BREVEMENTE

Philomena Borges. in-8° enc. 4\$000, br. . .	3\$000
Memorias de um condemnado. enc. 4\$000, br.	3\$000
Uma lagrima de Mulher. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000

OBRAS DE SAMUEL SMILES

O CARACTER , nova traducção por D. Amelia Pereira, 1 grosso v. in-8°, enc. 4\$000, br.	3\$000
O DEVER , com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. enc. 4\$000, br.	3\$000
ECONOMIA Doméstica Moral, ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
AJUDA-TE , e Deus te ajudará! nova traducção por***, 1 v. in-8° enc. 4\$000, br.	3\$000
VIDA E TRABALHO , 1 v. in-8°, enc. 4\$000, br.	3\$000

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).